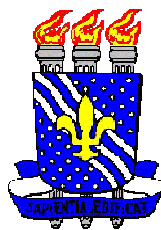


Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Letras

Uma partida de xadrez com Saussure e Lacan: uma análise da relação entre sujeito e linguagem

João Pessoa - PB
Abril - 2010



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Letras
Área de Concentração: Linguagens e cultura
Linha de Pesquisa: Sujeito, Linguagem e Psicanálise
Mestrado em Letras

**Uma partida de xadrez com Saussure e Lacan: uma análise da
relação entre sujeito e linguagem**

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de mestre em Letras.

Mestranda: Ina Mirely Oliveira da Rocha

Orientadora: Mônica Nóbrega

João Pessoa – PB

Abril/ 2010

R672u Rocha, Ina Mirely Oliveira da.
 Uma Partida de Xadrez com Saussure e Lacan:
 uma análise da relação entre sujeito e linguagem/
Ina Mirely Oliveira da Rocha. – João Pessoa: [s.n],
 2010. 98f. :il.
 Orientadora: Mônica Nóbrega.
 Dissertação (Mestrado) – UFPb - CCHLA

 1.Linguagem 2. Sujeito. 3. Linguística.

UFPb/BC

CDU: 800.1(043)

Ina Mirely Oliveira da Rocha

**UMA PARTIDA DE XADREZ COM SAUSSURE E LACAN: UMA
ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE SUJEITO E LINGUAGEM**

DISSERTAÇÃO apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração “Linguagens e Cultura”, na linha de pesquisa “Sujeito, Linguagem e Psicanálise”, como requisito institucional para obtenção do título de MESTRA EM LETRAS.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Mônica Nóbrega
(Orientadora – UFPB)

Prof. Dr. Pedro Farias Francelino
(Examinador – UFPB)

Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores
(Examinador – UFRGS)

À minha mãe, Maria da Conceição Vieira da Rocha e aos meus
avós, José Vitoriano e Maria José, pelos ensinamentos diários e
o encorajamento para enfrentar a vida,
dedico.

Agradecimentos

A Mônica Nóbrega, por me fazer acreditar que seria capaz de realizar esse trabalho, pela paciência, carinho e amizade sinceros, e pelo muito mais que as palavras não podem definir.

A Ianara, minha irmã, pela ajuda futura.

A Ielma, a Jôse e a Eny, minhas amigas queridas, pelas orações e pela amizade sincera desde a época da graduação.

Aos amigos queridos, Natan, Theo e Scoth, pelos bons e maus momentos em que estiveram sempre ao meu lado, desejando que tudo desse certo.

A Gualberto e a Rosilene, amigos especiais, pelos momentos divertidos e pela amizade sincera.

A Sheyla, uma amiga muito especial, por saber que posso contar a qualquer hora.

A Silvania, pela amizade e pelos bons momentos de análise gratuita.

Aos amigos Toinho, Rosa, Franci e Andréa, pelo apoio, confiança e torcida.

Às amigas Denise, Raquel Shirley, Isabella, Raquelzinha, Edilma e Cleide, pelas discussões nas aulas de lingüística e psicanálise e pelas boas risadas.

Às professoras Margarida Assad e Socorro Pacífico pelas orientações e tempo dedicado.

A Milton Marques Júnior, pela dedicação nas aulas da graduação, pelo ensino, pelo apoio, pela paciência.

A Gracilene, por se tornar uma amiga especial em tão pouco tempo e pela ajuda nos momentos difíceis.

Aos amigos que não estão aqui, mas guardo no coração.

A CAPES, pelo apoio financeiro.

RESUMO

O presente trabalho pretendeu discutir a relação entre sujeito e linguagem na aproximação entre a lingüística e a psicanálise. A partir dos estudos do signo lingüístico saussuriano e do significante lacaniano, buscamos observar o sujeito como resultado do movimento de significantes. Não se trata de uma análise do sujeito do inconsciente, mas de uma tentativa de compreender o sujeito como efeito de linguagem, como resultado dos movimentos de signo e de significante. Apresentamos, parcialmente, a análise feita por Lacan do conto “A carta roubada”, referente ao sujeito como resultado do movimento de significantes e apresentamos uma contribuição baseada na lingüística saussuriana a partir dos estudos referentes à língua enquanto sistema, tomando para isso a metáfora do jogo de xadrez. Observamos os movimentos dos personagens do conto e sua relação com o movimento da carta, a carta que dá título ao conto. Vimos a abordagem saussuriana da língua enquanto sistema e seu funcionamento, ressaltando todos os conceitos inerentes ao de sistema, partindo do geral para suas unidades constituintes. Do lado da psicanálise, partimos do significante lacaniano relacionando os movimentos desse significante aos movimentos do signo saussuriano. É a partir dessa relação que tentamos compreender o sujeito como efeito de linguagem, o sujeito que abordamos nesta interface. Como resultado dessa aproximação entre a lingüística saussuriana e a psicanálise lacaniana, trazemos o sujeito, agora não mais o do inconsciente ou da língua, mas um sujeito resultante de movimentos no conto “A carta roubada”, a partir do diálogo teórico desenvolvido na dissertação.

Palavras-chave: Movimentos. Signo. Significante. Sujeito. Linguagem.

ABSTRACT

This work aims to discuss the relationship between the subject and the language in the rapprochement between linguistics and psychoanalysis. Based on the studies of Saussure's linguistic sign and Lacan's signifier, we seek to observe the subject as a result of the movement of signifiers. This is not an analysis of the subject of the unconscious, but an attempt to understand the subject as an effect of language as a result of movements of sign and signifier. We present, in part, the analysis of Lacan's short story "The Purloined Letter," regarding the subject as a result of movement of signifiers, and provide an important contribution based on Saussurean linguistics, whose studies concern the language as a system, taking Saussure's metaphor of the chess game as our basis. We observe the movements of the characters of the story and their relationship with the movements of the letter, the letter which entitles the tale. We demonstrate the Saussurean approach for language as a system and its operation, highlighting all the concepts inherent to the system, going from the general to its constituent units. On the side of psychoanalysis, we assume the signifier in Lacan, relating the movements of this signifier to the movements of the Saussurean sign. It is from this relationship that we try to understand the subject as an effect of language, the subject that we address in this interface. As a result of this rapprochement between Saussurean linguistics and Lacanian psychoanalysis, we bring the subject, no longer the one of the unconscious or the one of language, but a subject resulting from the movements in the short story "The Purloined Letter", based on the theoretical dialogue developed in this dissertation.

Keywords: Movements. Sign. Signifier. Subject. Language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – O XADREZ DE SAUSSURE	15
1.1 A escolha pela metáfora do xadrez	15
1.2 A proposta do jogo	17
1.3 As regras do jogo - A escolha pela língua	19
1.4 A dinâmica dos movimentos: sincronia e diacronia	22
1.4.1 Estabelecendo a lei no jogo – a prevalência da sincronia	23
1.5 A partida de xadrez ou o sistema da língua	25
1.6 As peças do jogo - a constituição do signo lingüístico saussuriano	29
1.6.1. Arbitrariedade e linearidade	31
1.7 Movimentando as peças: relações sintagmáticas e paradigmáticas	33
1.8. O valor das peças em cada jogada: o valor lingüístico e a produção de sentidos	36
1.9. As primeiras impressões da partida	41
CAPÍTULO II – O XADREZ DA PSICANÁLISE.....	43
2.1 Construindo o tabuleiro - Lingüística e psicanálise: um diálogo anunciado por ..	43
2.2 A releitura lacaniana do signo lingüístico saussuriano – O significante	46
2.3 As peças principais do jogo entre linguagem e psicanálise	48
2.4 Os movimentos do significante lacaniano	52
Metáfora e Metonímia – processos formadores do inconsciente	52
2.5 O inconsciente e a linguagem	59
Uma analogia de seus processos constituintes	59
2.5. Sujeito: o dono do jogo?	61
2.6 Da carta roubada ao jogo de xadrez	64
CAPÍTULO III – MOVIMENTANDO AS PEÇAS COM LACAN E SAUSSURE.....	69
3.1 Sujeito e movimento	69
3.2 O tabuleiro do nosso jogo – Resumindo o conto “A Carta Roubada” – Allan	70
3.3 Lacan mostra a jogada - A análise de Lacan sobre o conto “A carta roubada”:	72
3.4 A nossa visão da partida	75
3.4.1. A jogada de Saussure	75
3.5 O valor da carta	84
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS.....	96

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho tenta contribuir com a tentativa de aproximação entre a lingüística saussuriana e a psicanálise lacaniana. Nosso objeto foi escolhido a partir da proposta de pesquisar os movimentos do signo lingüístico saussuriano e do significante lacaniano, observando o sujeito como resultado do movimento de significantes.

A idéia de dar ênfase ao sujeito lacaniano na nossa dissertação veio como resultado das leituras e discussões desenvolvidas em um trabalho na graduação do curso de Letras, como bolsista PIBIC, que tinha como objetivo analisar o movimento de deslocamento do signo lingüístico e do significante lacaniano como movimentos que indicavam um trabalho com a produção de sentidos na língua, através da análise do conto.

No trabalho de iniciação científica, procuramos mostrar o signo e o significante como elementos responsáveis por movimentos produtores de sentidos. No caso do significante, o sentido que foge ao lugar comum, que se dá no inesperado, o que difere do sentido esperado na linguagem quando tomada como elemento pleno, sem falhas.

Para a compreensão desses movimentos, tomamos como parâmetro a análise feita por Lacan do conto “A Carta Roubada” e, posteriormente, para a aplicação da teoria, “O perfume de Roberta”, conto do professor da UFPB, Rinaldo Fernandes.

Ao final do trabalho, concluímos que a produção de sentidos envolve a relação entre sujeito, significado e significante. Relacionado à lingüística, dissemos que só é possível a união entre as cadeias paradigmáticas e sintagmáticas porque existe um sujeito que propicia essa união. Pela psicanálise, confirmamos que estudar a produção de sentidos é falar de um sujeito que é elo entre significado e significante, arriscando dizer que o sujeito nesta interface pode ser considerado um lugar de produção de sentidos.

Contudo, observamos que seria necessário falar do sujeito, o que não foi feito no projeto PIBIC. Então, com os resultados finais da pesquisa, na tentativa de um aprofundamento, não poderíamos pensar em outro elemento de aproximação entre as duas áreas, lingüística e psicanálise, que não fosse o sujeito como resultado do

movimento de significantes. Pensamos que estudar essa categoria, isto é, o sujeito, seria a melhor forma de complementar o trabalho iniciado.

Porém, gostaríamos de enfatizar que não se trata de uma análise do sujeito do inconsciente, mas de uma exemplificação, ou melhor, uma ilustração desse sujeito como resultado do movimento de significantes.

Escolhemos para esta dissertação, mais uma vez, o conto “A carta roubada”, de Allan Poe, utilizando-o como modelo para mostrar os movimentos do signo e do significante, tendo o sujeito como decorrência destes movimentos. Para tanto, buscamos trazer o conto não com o objetivo de fazermos uma análise literária, nem tampouco a psicologização dos personagens em questão, mas sim, a partir de conceitos compreendidos entre a lingüística e a psicanálise (com as suas necessárias adequações para não cairmos na aplicação simplória desses conceitos), compreender melhor a relação entre sujeito e linguagem.

Sendo assim, podemos dizer que esta dissertação desenvolve-se a partir da interface lingüística e psicanálise, buscando colaborar com os estudos nesta linha, aproximando de maneira coerente as duas áreas. Esta aproximação só é possível por se acreditar que a lingüística saussuriana e a psicanálise lacaniana podem auxiliar uma na compreensão da outra. Para isso, não tomamos os conceitos de forma aleatória, mas considerando cada contexto no qual estão inseridos, sem as simples colagens ou aplicações errôneas dos termos que tomamos emprestados da lingüística e da psicanálise durante todo o trabalho.

O nosso objetivo principal é compreender o sujeito como efeito de linguagem, como resultado dos movimentos de signo e de significante, apresentando uma exemplificação feita por Lacan e contribuindo com ele a partir dos estudos saussurianos referentes à língua enquanto sistema, tomando para isso a metáfora do jogo de xadrez. A metáfora do jogo de xadrez é utilizada por Saussure, em vários momentos, para explicar a língua como sistema e o funcionamento de suas unidades constituintes.

Sendo assim, pensamos em tomar parcialmente a análise que Lacan fez do conto “A carta roubada”, isto é, a parte da análise referente ao sujeito como resultado do movimento de significantes e apresentar uma nova ilustração a partir da lingüística saussuriana. Para isso, observaremos os movimentos dos personagens do conto e sua relação com o movimento da carta, a carta que dá título ao conto.

No primeiro capítulo, apresentaremos a abordagem saussuriana da língua enquanto sistema e seu funcionamento, ressaltando todos os conceitos inerentes ao de

sistema, ou seja, partindo do geral para suas unidades constituintes. Assim, falaremos sobre signo, as relações entre signos no sistema, a saber, relações sintagmáticas e paradigmáticas, além da idéia de valor lingüístico.

Não esquecemos também de apontar de onde Saussure escolheu observar a língua, isto é, do ponto de vista da sincronia. Partimos da idéia de que na compreensão de Saussure da língua enquanto sistema de signos, todas as noções que foram tomadas de forma isolada, como a de signo lingüístico (e nessa noção a dicotomia significado/significante) e a própria noção de língua, deveriam ser compreendidas como elementos que formam a base da sua idéia principal, ou seja, a de valor lingüístico. Afinal, para este estudioso, os signos não existem enquanto elementos isolados, positivos, mas como membros de um sistema, solidários uns com os outros. *Fundamentalmente, a língua repousa sobre diferenças... a língua só se alimenta, em sua essência, de oposições, de um conjunto de valores perfeitamente negativos, que só existem por seu contraste mútuo.* (Saussure, 2004, p. 66).

Para facilitar a compreensão de tais elementos da lingüística saussuriana, optamos por apresentá-los a partir da metáfora do jogo de xadrez, da qual Saussure se utiliza em seus estudos e podemos encontrá-la em vários momentos no CLG e no ELG. Dessa forma, acreditamos tornar mais lúdica a nossa explanação desses conceitos lingüísticos que contribuirão em nossos estudos com a psicanálise abordada no capítulo seguinte. Daremos, então, ênfase aos movimentos do jogo de xadrez, movimentos estes utilizados para ilustrar o mecanismo do sistema lingüístico, tentando mostrar tais movimentos no conto. A nossa contribuição, diferentemente do que fez Lacan, é apresentar um estudo a respeito, também, do movimento dos personagens, da carta, como movimentos de signo, semelhante ao que pensou Saussure.

Assim, no segundo capítulo, teremos a outra parte dessa interface. Apresentaremos Lacan, a sua volta a Freud e o aprofundamento dos estudos do pai da psicanálise. Para isso, trataremos do significante lacaniano relacionando-o ao signo saussuriano, os movimentos desse significante, ou seja, a metáfora e metonímia, também fazendo uma relação com os movimentos do signo, e então, partindo desses movimentos, para tentar compreender o sujeito como efeito de linguagem resultado desses movimentos, o sujeito que abordamos nesta interface. Sendo assim, podemos apontar algumas considerações importantes que corroboram a idéia da pesquisa, ou seja, do sujeito como resultado do movimento de significantes, além de fortalecer os laços entre as disciplinas em questão.

No terceiro capítulo, faremos um diálogo entre os movimentos do significante, estudados na psicanálise, e os movimentos do signo no sistema, mostrando como resultado desses movimentos o sujeito, agora não mais o do inconsciente ou da língua, mas um sujeito resultante de movimentos no conto “A carta roubada”, a partir do diálogo teórico desenvolvido na dissertação. Para isso, retomaremos parcialmente a análise que Lacan fez do conto “A Carta Roubada”, de Allan Poe, e a utilizaremos para exemplificar como se dão os movimentos do significante, destacando como os sujeitos aparecem como resultado desses movimentos.

O conto em questão traz a história de uma Rainha francesa que recebe uma carta e tenta escondê-la quando seu esposo entra no quarto. Neste momento, entra um de seus ministros e a surpreende tentando esconder o citado documento. O ministro percebe o nervosismo da Rainha, aproveita-se da situação, da presença do Rei e troca a carta por outra. Tudo se passa nas vistas da Rainha e pela “cegueira” do Rei. Com medo, a Rainha pede que a polícia recupere a carta, para que sua honra não seja abalada. A polícia não consegue achar a carta e procura Dupin, um investigador famoso na França. O investigador mobiliza-se para encontrar a carta, o que acaba acontecendo, e o faz da mesma forma que o Ministro: substitui as cartas sem que a pessoa que está com ele naquele momento perceba. A partir do momento que a carta entra em cena, todos os personagens movimentam-se em função dela e esse deslocamento vai determinar a posição-sujeito de cada personagem.

Com isso, do lado da lingüística saussuriana, nossa contribuição está baseada na idéia de sujeito resultante do movimento de significantes, aliada à perspectiva dos movimentos do signo no sistema lingüístico. Mostraremos os movimentos dentro do sistema lingüístico a partir da metáfora do xadrez construída por Saussure, faremos uma retomada dos elementos do conto de Poe, como uma espécie de exemplificação do movimento significante e do sujeito como resultado deste movimento. Utilizaremos o conto de Poe, também, para exemplificar movimentos de língua e mostrar, assim, como os personagens são determinados pelos movimentos da carta.

É importante salientar que o sujeito da língua não é o da psicanálise, mesmo porque, nos estudos de Saussure não há uma discussão sobre sujeito, mas há brechas que permitem pensar em uma possibilidade de sujeito, permitem-nos supor um sujeito que não seja dotado de uma razão, um sujeito que não seja senhor absoluto de si. Pode-se pensar nessa possibilidade de sujeito ao pensarmos na escolha de Saussure pela língua em detrimento da fala, além disso, observando as discussões de Saussure sobre a

língua enquanto sistema, as questões da diacronia e sincronia possibilitam que se faça uma referência ao sujeito, não um sujeito origem, mas um sujeito efeito de linguagem constituído na e pela linguagem.

Na interface lingüística e psicanálise, compreender a relação entre sujeito, signo e significante através de um mesmo movimento (o de deslocamento), coopera com a tentativa de aproximação dos conceitos das duas disciplinas, mostrando que, embora sejam bem diferentes na sua natureza, nelas podemos observar dois sistemas (do inconsciente e da linguagem) que têm “movimentos” semelhantes.

Compreender estas relações torna-se fundamental para a compreensão do sujeito e sua relação com a linguagem. Por um lado, saber que se trata de um sujeito *não sabe o que diz, e pelas mais valias razões, não sabe o que é*. (Lacan, 1996. p.308) e, por outro lado, que na sua relação com a linguagem há sempre um resto, algo que o sujeito não alcança e que talvez permita, por isso mesmo, que possam ser compreendidos sujeito e linguagem como constitutivamente heterogêneos.

CAPÍTULO I – O XADREZ DE SAUSSURE

Metáfora

*Uma lata existe para conter algo,
Mas quando o poeta diz lata
Pode estar querendo dizer o incontível*

*Uma meta existe para ser um alvo,
Mas quando o poeta diz meta
Pode estar querendo dizer o inatingível*

*Por isso não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poeta tudo-nada cabe,
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata venha caber
O incabível*

*Deixe a meta do poeta, não discuta,
Deixe a sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora*

Gilberto Gil

1.1 A escolha pela metáfora do xadrez

Etimologicamente o termo metáfora tem origem na palavra grega *metaphorá*, palavra formada a partir da união dos termos *meta* que significa “sobre” e *pherein* que significa “transporte”, mais especificamente, estamos falando de um transporte de sentido. Esta figura de linguagem proporciona a expressão de idéias de uma maneira inovadora, liberta a palavra de seu sentido literal e permite novas interpretações da realidade.

É com a apreensão dos novos sentidos que Gilberto Gil constrói seu texto *Metáfora* e permite que “tudo-nada” caiba na lata do poeta, que o alvo seja atingindo e surjam as novas possibilidades de sentido.

Saussure como ótimo filósofo da linguagem, também recorreu à metáfora, para explicar de maneira, por que não dizer, poética, suas reflexões sobre a sua escolha de estudar a língua e seu funcionamento. No caso de Saussure, a construção metafórica entre o jogo de xadrez e o funcionamento da língua enquanto sistema, permite-nos observar por outro ângulo, ou até mesmo, compreender melhor o funcionamento do sistema lingüístico proposto por ele, e é com essa meta que iniciaremos nosso trabalho, pensando em um alvo que está mais além: uma melhor compreensão da relação entre sujeito e linguagem.

Como pontapé inicial, decidimos começar do início, ou seja, construir este primeiro capítulo a partir dos movimentos do signo no sistema lingüístico. É ele nosso ponto de partida. Saussure estabelece o que é sistema, ou melhor, a língua como sistema e apresenta alguns elementos que convergem para a compreensão do funcionamento desse mecanismo, a saber: signo, relações sintagmáticas e associativas, valor lingüístico, sendo este o foco central da lingüística saussuriana. Portanto, para compreender o movimento dos signos dentro do sistema, precisamos aprofundar esses conceitos, partindo do conceito maior, o de sistema, até chegarmos aos seus componentes, suas unidades constituintes.

É com a publicação dos estudos saussurianos em 1916, feita por seus alunos Charles Bally e Albert Sechehaye, alguns anos após a morte de Saussure, que se pôde encontrar os conceitos que serviram de base para o estruturalismo, *a linguagem como um sistema articulado, uma estrutura em que, tal como no jogo de xadrez o valor de cada peça não é determinado por sua materialidade, ele não existe em si mesmo, mas é instituído no interior do jogo*. (Costa, 2008, p. 114)

Nos estudos saussurianos encontramos várias passagens ¹ nas quais Saussure compara o mecanismo da língua a uma partida de jogo de xadrez. Sabiamente, o mestre genebrino explica e discute de maneira metafórica (a metáfora é uma característica indelével do estilo saussuriano de escrever) como funciona a língua, as relações entre seus termos, a questão do valor nessas relações, tudo isso fazendo analogias à realização de uma partida de xadrez.

Percebemos as várias vezes em que Saussure recorre ao xadrez dentro da sua teoria, o que nos chamou atenção por se tratar de uma maneira lúdica para explicar algo que não é tão simples. Assim, decidimos por explanar, no trabalho em tela, o

¹ Neste trabalho demos ênfase às passagens encontradas no CLG e no ELG.

funcionamento do sistema lingüístico a partir da metáfora construída pelo próprio mestre, a do jogo de xadrez.

Atestamos que é relevante para a nossa discussão todo um levantamento das passagens sobre a metáfora do xadrez, pois, a partir delas, podemos mostrar os conceitos envolvidos na noção de sistema da língua: como os signos se relacionam dentro desse sistema, tais como as peças do jogo; como as leis que regem o funcionamento da língua podem ser comparadas às regras estabelecidas numa partida de xadrez, regras estas que determinam a movimentação das “peças” dentro do sistema e mais uma vez *o valor que é instituído no interior do jogo*.

Além disso, a metáfora do jogo de xadrez também será usada para a análise dos movimentos da carta no conto. A carta como um significante que constitui os sujeitos, personagens do conto. A partir disso, pretendemos contribuir com a análise de Lacan, mostrando que, no conto escolhido, há uma exemplificação de um efeito sujeito, para dizer melhor, há uma relação dos personagens do conto com a carta, que influencia cada personagem de maneira diferente, produzindo um efeito sujeito.

Colocamo-nos, então, como observadores das jogadas do xadrez do sistema lingüístico saussuriano, atentos aos movimentos executados por Saussure e aproveitamos para entender como se joga, e segundo Costa (2008, p.114): *A possibilidade de darmos andamento ao jogo depende exclusivamente de nossa compreensão de como as peças se relacionam entre si, das regras que as governam, da função estabelecida para cada uma delas e em relação às demais*. Passemos, pois, ao jogo.

1.2 A proposta do jogo

Poema Xadrez

*Jogo estranho
Que não entendo,
Apesar das regras conhecer,
Ele não me deixa escolher,
Dá-me a ilusão
De o fazer,
Mas é Ele a decidir
Por onde devo ir.*

(Maria Sousa)

Ao tomarmos o xadrez como descrito no poema acima e seguindo o raciocínio da metáfora entre o jogo de xadrez e o funcionamento da língua, percebemos que quem joga, quem executa os movimentos não é dono de suas ações. Melhor dizendo, há uma ilusão de domínio na execução das jogadas, assim como há também uma impressão de domínio do indivíduo ao utilizar a língua. O indivíduo pensa dominar a língua, assim como o eu-lírico pensa dominar as jogadas do xadrez.

Vejamos, então, como Saussure constrói a metáfora entre o sistema da língua e o jogo de xadrez, onde a comparação deu certo e o ponto onde ela falha.

As relações diversas encontradas na língua, as várias sucessões entre os termos, as inúmeras combinações possíveis (estados de língua) dentro do sistema lingüístico, tudo é comparado às situações existentes do jogo.

Para Saussure (2002), antes da fundação da lingüística, a língua era considerada uma posição do jogo de xadrez, não importando o antecedente nem a seqüência, só o valor da peça em determinada posição.

Ora, para que o funcionamento de uma língua seja comparado, em sua totalidade, a uma partida de xadrez, devemos considerar as posições e os lances ao mesmo tempo, conseqüentemente as mudanças e os estados de língua, assim teremos a visão perfeita da partida.

A linguagem é, por natureza, de essência dupla. Apresenta um lado social, a língua (*langue*) e um lado individual, a fala (*parole*), não sendo possível a concepção de um lado sem o outro. A linguagem remete a uma multiplicidade de noções e engloba vários outros sistemas. Entre tais sistemas, Saussure elegeu a língua como base para todos os outros que compõem o universo de manifestações do que se convencionou chamar de linguagem.

Neste momento, abre-se um questionamento para saber se esta natureza da linguagem é histórica ou abstrata. Comparando a uma posição do jogo de xadrez, não interessa como se chegou à determinada posição no tabuleiro, muito menos, tentar descrever o caminho percorrido até ela, assim também, Saussure (2002) nos diz que é a língua em seu ponto de partida. Saussure diz que em sua essência, a língua não comporta uma consideração histórica, estando mais propícia a uma especulação abstrata, tal como a posição do jogo de xadrez. Continua, dizendo que a natureza da linguagem é complexa, não podendo ser claramente bem definida, pois não se trata de apenas um aspecto, mas de sua *irritante duplicidade*. Com isso, para se estudar a língua, é preciso abstrair o que passou, pois, assim como no jogo de xadrez, não importa como

a língua chegou a um determinado estado, mas o estado de língua em si. O próprio Saussure esclarece a questão:

Só existe “língua” e ciência da língua com a condição inicial de se abstrair o que precedeu, o que liga entre si as épocas. Só há lingüística com a condição precisamente oposta. [] uma outra história []; em todo caso, ela não exige que seja feita uma abstração []. É a condição absoluta para compreender o que se passa, ou apenas o que é, em determinado estado, fazer abstração do que não é próprio desse estado, por exemplo, do que o precedeu; sobretudo do que precedeu. (Saussure, 2002. p.186)

1.3 As regras do jogo - A escolha pela língua

A lingüística se distingue da filosofia ao definir a princípio essas condições, sociais e históricas: partilha-se uma língua como uma herança, uma tradição. A língua faz parte das instituições sociais; depende de uma história (...) (Normand, 2009, p. 56)

A ciência exige a definição de um objeto de estudo para o nascimento da lingüística. Baseados nos textos lidos e a partir das reflexões atribuídas a Saussure, acreditamos que esta decisão não foi tarefa fácil para o pai da nova ciência, pois o fenômeno lingüístico não é dado a priori e sempre apresenta duas faces. Uma dualidade compreendida por dois lados diferentes que compõem um mesmo objeto.

Pensando no jogo de xadrez, podemos afirmar que nem todas as jogadas são possíveis e isso é definido pelas regras do jogo. Podemos relacionar o jogo e as suas regras à distinção entre língua e fala, ou também, ao sistema da língua e às possibilidades de uso realizadas pela fala, considerando a língua como entidade abstrata e a fala como fenômenos comunicativos. Nesta comparação, a língua seria o conjunto de regras que limitariam as possibilidades da fala, as normas que regem o jogo.

A língua é um sistema, a parte essencial da linguagem, de uso coletivo por ser considerado *tesouro* pertencente a todos os indivíduos de uma mesma comunidade lingüística, estabelecida através de um contrato implícito entre esses indivíduos, por isso dita social. Segundo Normand (2009) o aspecto social da língua, tal como afirma

Saussure, não é o mais preciso para definir a sua especificidade, pois comunga da mesma característica com as outras instituições. O que interessa, na verdade, é que a língua é um sistema de signos, e é este aspecto que a define como objeto da lingüística. Os aspectos social e histórico pertencem ao caráter externo da língua, apesar de possuírem efeitos sobre a língua, não é papel da lingüística estudá-los.

A fala, por sua vez, é de uso individual, é a realização executada pelo falante através das combinações das unidades componentes do sistema da língua, ao qual todos estão submetidos.

De acordo com dicionário *Aurélio*, sistema é a *disposição das partes ou elementos de um todo, coordenados entre si, e que formam uma estrutura organizada*. O sistema é constituído de um todo formado por elementos que possuem características semelhantes e são regidos pelas mesmas leis de funcionamento, considerando-se, assim, este todo como coeso e coerente, podemos exemplificar citando os vários sistemas existentes no corpo humano, trata-se da mesma idéia. A descrição de um sistema consiste em revelar como seus elementos se organizam e as leis que regem esta organização.

Para se eleger este objeto de estudo da lingüística é necessário um ponto de vista. Lançando um olhar a partir do sistema, ou seja, tomando-o como um ponto de vista, o objeto tão procurado seria a língua.

A idéia de língua, como pensada por Saussure, encaixa-se na definição de sistema, isto é, a língua é formada por elementos que obedecem às mesmas leis internas ao sistema e se relacionam de maneira coerente, constituindo um todo. Para Saussure (1996), após conflitar as dualidades existentes na linguagem, ou melhor, nas manifestações da linguagem (a própria dualidade da linguagem em ser individual e social), ele acredita que a língua seria, das manifestações da linguagem, aquela que permite uma definição independente e satisfatória, o que seria ao mesmo tempo integral e concreto, estando assim apta a ser o objeto de estudo da nova ciência.

A língua enquanto organização de elementos se estrutura a partir de suas leis internas que são estabelecidas dentro do próprio sistema. Dessa forma, a língua recebeu todas as atenções das pesquisas saussurianas e a fala ficou à disposição de outra disciplina denominada lingüística da fala. Assim, Saussure considera a língua a principal manifestação da linguagem, como observamos nas palavras do estudioso:

Há, segundo nos parece, uma solução para todas essas dificuldades: *é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem*. Da fato, entre tantas dualidades, somente a língua parece suscetível duma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito. (1996, p.16-17)

A definição de língua para Saussure supõe a eliminação de tudo o que seja relativo à lingüística externa. Porém, dentre os elementos internos da língua, apontados por Saussure, estão os pontos que encerram a Lingüística e a Etnologia. Neste caso, podemos incluir nos elementos internos da língua os aspectos etnológicos, as relações existentes entre a história da língua e de uma civilização. Assim, os hábitos de um determinado grupo têm repercussão na língua que ajuda a constituí-lo, bem como as relações existentes entre a língua e a história da colonização de uma nação.

A relação da língua com as instituições tais como a escola e a Igreja, os atos políticos, o desenvolvimento cultural, o avanço de uma civilização permitem o aparecimento de línguas específicas, como, por exemplo, a jurídica, a científica etc.

O que se refere à exterioridade da língua, ou seja, à Lingüística externa, é que vai abordar as relações dos acontecimentos lingüísticos com o espaço. Ao estudar as línguas, percebem-se as inúmeras existentes em todo o mundo, e essa diversidade é mais facilmente percebida pela diferença geográfica. Conforme Saussure (1996) é a partir dessa noção da diferença entre os espaços, apresentada de um lugar a outro, *que um povo tem consciência de seu idioma*.

Mas não podemos pensar o fator geográfico apenas como territórios de grandes distâncias, mesmo dentro de um território pertencente a um mesmo país, temos a coexistência de línguas diferentes. Contudo, não podemos excluir aqui o fato de existir uma “língua rural” e uma “urbana”, ou seja, há uma divisão territorial que nem sempre é clara.

Saussure explica que essas ações exercidas sobre a língua não são ocasionadas apenas pelo espaço, pois somente o espaço não teria condições de exercer ação alguma sobre a língua, mas o fator tempo é que apresenta as condições para mostrar as diferenças lingüísticas e, por não ser concreto como a geografia, é percebido posteriormente. Para Saussure (1996, p.229), *A diversidade geográfica deve traduzir-se em diversidade temporal*. É com o passar do tempo da separação geográfica que as

diferenças se acentuarão entre os idiomas e serão perceptíveis para os indivíduos. *Então, explicar as diferenças geográficas é idêntico a estudar as diferenças que o tempo suscitará na língua, visto que, sobre cada ponto, há modificações apenas no tempo.* (Saussure, 2002, p. 251).

O fator tempo e o fator geográfico estão na exterioridade da língua e não provocam mudanças nas leis que regem o sistema lingüístico: a língua pode mudar, mas suas regras não.

Daí, temos que tudo o que provoca modificação no sistema é elemento interno. O fator geográfico está associado à existência de qualquer língua, mas não influencia o seu mecanismo interno. O fator geográfico não influencia o mecanismo interno da língua porque não altera a ordem própria da língua, a influência do fator geográfico se dá na exterioridade do sistema e, por isso, não ocasiona em seu funcionamento nenhuma modificação.

Mesmo que não se conheça a origem de uma língua ou dos povos que a falavam, não há impedimento para se estudar o mecanismo desta língua e perceber suas transformações, observando então que o estudo interno do sistema lingüístico deve obedecer a uma ordem própria, enquanto o estudo externo não obedece a nenhuma.

Mais uma vez, Saussure chama para sua exemplificação o jogo de xadrez. A passagem do jogo de um continente a outro é um fator externo, não modifica as regras do jogo, mas se houvesse uma alteração na quantidade de peças, ocorreria uma mudança nas regras, ou seja, uma modificação interna, ou mais ainda, não seria o xadrez.

1.4 A dinâmica dos movimentos: sincronia e diacronia

Uma das dicotomias saussurianas está relacionada ao método de investigação utilizado por ele em seus estudos, estamos falando de sincronia e diacronia.

Alguns pesquisadores do século XIX acreditavam haver parentescos entre as línguas devido às semelhanças encontradas entre elas, portanto, a comparação dessas línguas passou a ser o principal objetivo dessas pesquisas, método este chamado de histórico-comparativo. Durante todo o século XIX, os estudos referentes à linguagem tinham como ponto principal o aspecto histórico, até mesmo Saussure produziu uma obra chamada *Mémoire sur Le système primitif des voyelles indo-européenne* com essa

abordagem histórica da linguagem, ainda não havia muito interesse em estudar a língua dentro de um grupo limitado de falantes.

Tempos depois, com os neogramáticos, a lingüística tinha como papel estudar as transformações das línguas e formular regras para o que aconteceria com essas línguas. Os neogramáticos procuravam mostrar que as transformações ocorridas na língua eram regidas por uma regularidade, uma necessidade própria, independente da vontade dos indivíduos.

Então, veremos com Saussure a distinção feita entre o estudo sincrônico e o diacrônico, separando, assim, a lingüística estática (que se refere a um estado de língua em um determinado instante no tempo) da lingüística evolutiva (que se refere a uma fase de evolução, com o passar do tempo), buscando comparar dois momentos da evolução histórica de uma língua.

1.4.1 Estabelecendo a lei no jogo – a prevalência da sincronia

Ao tomarmos a língua enquanto instituição social, associamos a isso um grupo de leis que deve guiar e regular este sistema que faz parte de uma coletividade, assim como toda instituição da sociedade. Pode-se dizer que as leis que regem tais instituições são imperativas e gerais, ou seja, impõem-se a todos e devem ser obedecidas por todos.

Ao analisar as leis sincrônicas e diacrônicas como regentes da língua, Saussure afirma que a lei sincrônica apesar de geral, não é imperativa, pois impõe-se ao indivíduos que estão sujeitos ao uso coletivo, mas não uma obrigação que deve ser seguida pelas pessoas que falam, isto é, apresenta uma regularidade, mas que não é imperativa.

Já a diacronia, ainda segundo Saussure, refere-se a um caráter não imperativo, um fator dinâmico que produz efeito, algo executado, ou seja, ao contrário da sincronia, apresenta imperatividade, mas não é geral.

Porém, não se pode falar, aqui, de lei, pois, só podemos falar em lei quando um conjunto de fatos obedece às mesmas regras, o que não acontece com os fatos diacrônicos, que apresentam caráter acidental e particular. Assim, podemos concluir que o fato diacrônico tem a aparência de lei, mas não é.

A diacronia da língua está na fala, é na fala que se percebem, primeiramente, as modificações provocadas pelos indivíduos. Um indivíduo sozinho não pode modificar nada na língua e, para o estudo do objeto da lingüística saussuriana, só é válido aquilo que está no coletivo, dessa forma é que se estuda a evolução da língua.

Podemos dividir um fato evolutivo da língua, o aparecimento de uma inovação em dois momentos: o surgimento da inovação entre os indivíduos e o momento em que se torna um fato de língua, isto é, quando a inovação é adotada pela comunidade.

Nesses termos, a lingüística sincrônica compreende as relações entre termos coexistentes, formadores de um sistema e percebidos pela coletividade. A lingüística diacrônica compreende as relações entre termos sucessivos e que não são percebidos por uma mesma coletividade, pois não formam um sistema e há uma substituição entre eles.

Na proposta de Saussure, percebemos que o aspecto sincrônico² prevalece sobre o diacrônico, pois representa a realidade para o falante. A sincronia só conhece a perspectiva das pessoas que falam e tem por objetivo estudar as relações coexistentes no sistema da língua. Ao estudar os elementos da língua, a sucessão de fatos em função do tempo não existe, pois o falante encontra-se imerso num estado de língua e não tem “consciência” das transformações ocorridas até chegar a determinado ponto. É o lingüista que deve se ocupar em estudar o sistema, dando a ele prioridade.

O lingüista deve estudar principalmente o sistema da língua, observando como se configuram as relações internas entre seus elementos em um determinado momento do tempo. Esse tipo de estudo é possível porque os falantes não têm informações acerca da história de sua língua e não precisam ter informações etimológicas a respeito dos termos que utilizam no dia-a-dia: para os falantes, a realidade a língua é o seu estado sincrônico. (Costa, 2008. p.118)

Do ponto de vista da diacronia, o lingüista percebe os acontecimentos que modificam a língua, mostrando que a diacronia não tem seu fim em si mesma. Diferentemente da sincronia, a diacronia, a partir da perspectiva da fala, conhece dois lados: o prospectivo (segue o curso do tempo) e o retrospectivo (volta no tempo). Além disso, a lingüística diacrônica não considera, necessariamente, termos de uma mesma língua, pois é a partir da sucessão de fatos diacrônicos e sua multiplicação espacial que

² Saussure sugere que o termo sincrônico seja substituído por *idiossincrônico* por acreditar que o termo sincrônico não consegue precisar o que deve ser dito.

surge a diversidade dos idiomas. Saussure nos diz que para justificar tal aproximação, isto é, de termos de diferentes línguas, é suficiente que elas tenham um elo histórico, mesmo que indireto.

Podemos fechar as diferenças entre os aspectos sincrônicos e diacrônicos, citando um trecho encontrado no CLG (1996, p.107): *Assim é que o “fenômeno” sincrônico nada tem em comum com o diacrônico, um é uma relação entre elementos simultâneos, o outro, a substituição de um elemento por outro no tempo, um acontecimento.*

1.5 A partida de xadrez ou o sistema da língua

Para estabelecer as comparações entre o sistema da língua e uma partida de xadrez, Saussure faz referência às diversas situações que se pode prever, tomando por base as regras do jogo que limitam as possibilidades de jogada no decorrer da partida. Tanto no jogo de xadrez quanto na língua, deve-se valorizar o que menos se observa, isto é, a regra, pois é a regra que dá a condição de jogo, as possibilidades de jogadas no xadrez, e na língua dá a condição da comunicação.

Considerando-se a língua como um sistema de valores, Saussure nos mostra os dois eixos nos quais funciona tal mecanismo:

a) O eixo das simultaneidades – referente às relações entre coisas coexistentes, no qual não há intervenção do tempo. É o eixo sincrônico.

b) O eixo das sucessões – no qual se considera mais de uma coisa por vez e onde estão situadas todas as coisas do 1º eixo, com suas transformações. Os valores são considerados em função do tempo. É o eixo diacrônico.

O eixo sincrônico e o diacrônico tratam de valores diferentes, formam um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos. Referente à diacronia está tudo o que diz respeito às evoluções, e à sincronia está tudo o que pode designar em um estado da língua.

O sistema da língua apresenta um caráter de complexidade diferenciado dos outros sistemas por sua precisão de valores em jogo, um imenso número de termos que se relacionam numa dependência recíproca e estrita. Sendo este sistema complexo, faz-se necessário estudá-lo em seus dois eixos, porém, devido à multiplicidade dos signos,

não se pode estudar concomitantemente as relações no tempo e no sistema, isto é, na diacronia e na sincronia respectivamente.

Pensando na oposição entre diacronia e sincronia, podemos dizer que os fatos diacrônicos não alteram o sistema. O sistema em si é imutável e as modificações ocorrem entre os elementos que se relacionam independentemente do que os liga ao todo. Saussure (1996, p.100) apresenta algumas reflexões sobre as mudanças ocorridas na diacronia, vejamos:

1º Esses fatos diacrônicos de modo algum têm por fim assinalar um valor com outro signo (...). Por conseguinte, um fato diacrônico é um acontecimento que tem sua razão de ser em si mesmo: as conseqüências sincrônicas particulares que dele podem derivar são-lhe totalmente estranhas.

2º Esses fatos diacrônicos não tendem sequer a alterar o sistema. Não se quis passar de um sistema de relações para outro; a modificação não recai sobre a ordenação, e sim sobre os elementos ordenados.

Os fatos pertencentes à série diacrônica não são da mesma ordem da série sincrônica, pois na sincronia o fato ocorre por apelo a dois termos simultâneos, já na diacronia só interessa um termo e para que surja uma nova forma é necessário que a antiga desapareça, assim, a relação entre os termos se dá sucessivamente. Dessa maneira, o sistema está em sincronia, mas é condicionado pela diacronia que, por sua vez, não tem relação direta com o sistema: o sincrônico e o diacrônico são autônomos e interdependentes, com efeito, seguindo esse raciocínio, podemos dizer que não é preciso estudar diacronia para entender a língua.

Para exemplificar a diferença entre as ordens sincrônica e diacrônica, Saussure utiliza a comparação entre uma partida do jogo de xadrez e o sistema da língua.

Mas de todas as comparações que se poderiam imaginar, a mais demonstrativa é a que se estabeleceria entre o jogo da língua e uma partida de xadrez. De um lado e de outro, estamos em presença de um sistema de valores e assistimos às suas modificações. Uma partida de xadrez é como uma realização artificial daquilo que a língua nos apresenta sob forma natural. (1996, p.104)

A oposição do jogo de xadrez corresponde ao estado da língua. Assim como o valor das peças depende da posição no tabuleiro, as palavras na língua têm seu valor por oposição às outras. O jogo de xadrez possui regras pré-estabelecidas que permanecem até o último lance, bem como o sistema da língua. Com a existência e a admissão das regras, o sistema torna-se algo momentâneo, ou seja, varia de posição a outra, de tais regras também dependem os valores.

Finalmente, para passar de um equilíbrio a outro, ou – segundo nossa terminologia – de uma sincronia a outra, o deslocamento de uma peça é suficiente; não ocorre mudança geral. Temos aí o paralelo do fato diacrônico, com todas as suas particularidades. (Saussure, *idem*, *ibidem*) .

Como em cada lance do jogo de xadrez há apenas o movimento de uma peça, nas línguas as mudanças só se aplicam a elementos isolados. Mesmo assim, o lance repercute por todo o sistema, pois é impossível ao jogador (indivíduo) prever o alcance desse efeito. O lance pode abalar a partida em sua totalidade e suas conseqüências podem atingir as peças fora da jogada no momento. Da mesma forma ocorre na mudança da língua, que só é percebida posteriormente, com o passar do tempo.

Percebemos no jogo de xadrez que a posição atual na qual se encontra determinada peça não está ligada à posição anterior e é indiferente o caminho pelo qual se tenha chegado a ela, assim como na língua, para estudar um determinado estado da língua, não precisamos descrever todo o percurso até chegar aquele ponto. Uma das características do jogo é a liberdade do deslocamento das peças, pois, tal movimento, não pertence nem ao estado anterior nem posterior no qual se encontrava a peça. Esta característica também é perceptível na língua como diferença marcante entre o sincrônico e o diacrônico. A mudança pela fala só acontece sobre um estado de língua e as mudanças que ocorrem entre os estados (sincronia) não têm nestes nenhum lugar, segundo Saussure:

Numa partida de xadrez, qualquer posição dada tem como característica singular estar libertada de seus antecedentes; é totalmente indiferente que se tenha chegado a ela por um caminho ou outro; o que acompanhou toda a partida não tem a menor vantagem sobre o curioso que vem a espiar o estado do jogo no momento

crítico; para descrever a posição, é perfeitamente inútil recordar o que ocorreu dez segundos antes. Tudo isso se aplica igualmente a língua e consagra a distinção radical do diacrônico e do sincrônico. A fala só opera sobre um estado de língua, e as mudanças que ocorrem entre os estados não têm nestes nenhum lugar. (Saussure, 1996, p.105)

Cada movimento no tabuleiro executado durante a partida constitui uma nova sincronia, pois este movimento traz conseqüências para todo o sistema, sem que o conjunto de regras seja alterado, essas regras são preexistentes ao jogo, estão fora do tempo da partida.

Saussure mostra apenas um ponto no qual a comparação entre o mecanismo da língua e a partida de xadrez falha. Se pensarmos que o jogador de xadrez executa o movimento das peças de maneira pensada, premeditada, enquanto na língua a ação do falante não tem a mesma característica, uma vez que é espontânea. Para que a comparação fosse perfeita, deveríamos admitir um jogador sem o comando do jogo, pois, na língua, o controle nunca é total. Conforme Saussure (1996, p.105):

(...) esta única diferença torna a comparação ainda mais instrutiva, ao mostrar a absoluta necessidade de distinguir em Lingüística as duas ordens de fenômenos. Pois se os fatos diacrônicos são irredutíveis ao sistema sincrônico que o condicionam, quando a vontade preside a uma mudança dessa espécie, com maior razão sê-lo-ão quando põem uma *força cega*³ em luta com a *organização*⁴ de um sistema de signos. (grifo nosso)

Para Saussure (1996, p.105), o movimento da língua não é premeditado, ao contrário do que acontece com o lance do jogo de xadrez, e é aqui que a comparação é falha. No jogo de xadrez há a intenção de *executar o deslocamento e exercer uma ação sobre o sistema* o que não acontece na língua, pois suas peças se deslocam, se modificam independentemente da vontade do indivíduo. O falante sozinho é incapaz de mudar alguma coisa na língua, isto é, de modificar solitariamente as “peças” no sistema da língua.

³ Força da mudança ou mutabilidade do signo lingüístico.

⁴ Imutabilidade do signo lingüístico.

Podemos concluir as delimitações entre a diacronia e a sincronia da Lingüística com as palavras do mestre:

A Lingüística sincrônica se ocupará das relações lógicas e psicológicas que se unem os termos coexistentes e que formam sistema, tais como são percebidos pela consciência coletiva.

A Lingüística diacrônica estudará, ao contrário, as relações que unem os termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistema entre si. (Saussure, 1996, p. 116)

1.6 As peças do jogo - a constituição do signo lingüístico saussuriano

(...) o significante, na medida em que se distingue de outros significantes, que dá legitimidade lingüística ao significado; e é o significado, na medida em que se distingue de outros significados, que dá legitimidade lingüística ao significante. (Ilari, 2007, p.62)

O signo só existe em combinação com outros signos e sua principal característica é a transmissão. A transmissão ao mesmo tempo em que provoca mudança, garante a identidade. Segundo Fehr (2000, p.121) *o signo existiria apenas quando em circulação, em transmissão, então seriam coisas que pela natureza são destinadas a serem transmitidas. Os signos não estão reduzidos às combinações entre articulação e idéias.*

Este pensamento de Fehr difere-se da concepção de língua como nomenclatura, pois tal conceituação ignora o papel da língua na dimensão do tempo⁵ e não leva em conta o processo de transmissão das línguas na constituição do signo. Para a lingüística, não é a regularidade que interessa, mas a mudança. Se o signo estivesse inevitavelmente ligado a um elemento exterior não poderia mudar.

Foi para combater o conceito primário de língua enquanto nomenclatura que Saussure elaborou a noção de signo. A teoria diz que um significado e um significante são elementos formadores do signo lingüístico. A existência desses elementos não está

⁵ Tempo aqui é visto diferentemente da noção de tempo para os comparativistas, ou seja, tempo seria o momento que está ali, o momento atual, e não o da diacronia.

ligada a fatores externos à língua, mas à oposição aos demais elementos da língua. Vejamos como tudo começou.

Um dos princípios gerais da lingüística saussuriana explicita a natureza do signo lingüístico, tal signo não pode ser compreendido apenas a partir de um olhar simplista como se a língua fosse uma questão de nomenclatura, ou seja, o signo, para Saussure, necessita de uma visão ampliada da língua. A língua é uma instituição social diferente das outras e o mais importante sistema de signos. É preciso articular a relação entre língua e signo, não apenas o signo lingüístico. Portanto, para o mestre genebrino, o que interessa estudar é a relação entre os signos.

Conforme Saussure (1996), o que há inicialmente são várias idéias e sons imprecisos (massas nebulosas), que só obterão caráter lingüístico a partir de um corte arbitrário feito no momento em que se relacionam com outros elementos, com isso, depois do corte feito nas massas amorfas, surge o signo. Uma seqüência de som só pode ser lingüística se for suporte de uma idéia, em outras palavras, os sons não contam para a língua, a não ser quando são signos. Dessa forma, Saussure afirma que o som não pode ser isolado da idéia e vice-versa, e é somente na condição de signo que eles (som e idéia) podem ser reconhecidos pelos falantes da língua. Assim, o signo lingüístico resulta da associação arbitrária, em nosso cérebro, de termos intimamente ligados, que necessitam um do outro, tais termos são denominados “conceito” e “imagem acústica”.

A imagem acústica deve ser entendida não como algo apenas físico, mas que corresponde à impressão psíquica do som, à percepção que temos através de nossos sentidos, como afirma Saussure (1996, p.80):

O signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos...

Portanto, os elementos que constituem o signo lingüístico, posteriormente chamados de significado (conceito) e significante (imagem acústica), possuem as duas faces, física e psíquica, assim como duas características básicas: a arbitrariedade e a linearidade. Podemos dizer ainda que sem signo não há significante nem significado.

1.6.1. Arbitrariedade e linearidade

Sabemos que na Grécia antiga já havia uma discussão sobre a arbitrariedade ou não da forma encontrada pelos indivíduos para descrever o mundo. Discutiam a questão os chamados convencionalistas e os naturalistas, ou seja, o debate dava-se entre aqueles que acreditavam que a língua era convencional e aqueles que diziam que os recursos lingüísticos utilizados eram naturais.

Saussure afirma que o signo é arbitrário, isto quer dizer que a relação entre significado e significante não é natural, não é motivada, mas é resultado da cultura, do acordo implícito estabelecido pelos falantes de uma comunidade lingüística. Ainda nos diz que a compreensão do significado não depende de uma escolha livre do falante, pois o indivíduo não pode solitariamente mudar nada na língua.

Esta característica da arbitrariedade sustenta a idéia de que a união entre significado e significante é arbitrária porque os sons das palavras, ou seja, a seqüência dos fonemas (significantes) está arbitrariamente ligada a seus significados. Esta arbitrariedade é comprovada a partir das diferentes formas de designarmos os mesmos elementos, ou seja, nos diversos idiomas há relações diferentes entre significados e significantes, princípio que é percebido facilmente pela comunidade falante e demonstrado por Saussure da seguinte forma (idem, p.81 e 82):

... a idéia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à seqüência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente por outra seqüência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa *boeuf* (“boi”) tem por significante *b-œ-f* de um lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-s* (*Ochs*) do outro.

Notamos aqui que a relação língua versus fala é importante, pois é pelo consenso coletivo que se tem a condição supra-individual da fala. É importante destacar que para Saussure, fala não é apenas o som, mas uma estrutura de fala, uma realização da língua.

Enquanto a relação fala versus língua faz-se necessária, pois, conforme Saussure, a fala não existe sem a língua, a relação língua versus realidade não é internamente exigida pelo sistema lingüístico, uma vez que, conforme Lopes (1997, p.130): *a função da língua é interpretar a realidade* para as diversas comunidades

falantes, tal interpretação será variável de acordo com cada coletividade, ocasionada pela multiplicidade das línguas.

(...) não é só porque o animal que português chama de *boi*, o inglês chama de *ox*, o dinamarquês *Okse*, o hindu por outro nome qualquer, mas porque o que esses termos designam para cada uma dessas comunidades de falantes são coisas diferentes, “animal de arar”, para um, “animal fornecedor de carne”, para outro (...) (LOPES, 1997, p. 130)

Ainda tomando o que afirma Lopes (1930) podemos dizer que a partir dessa idéia de arbitrariedade, a relação língua e realidade ao contrário da relação língua e fala, é arbitrária, apesar de históricas, pois a primeira depende das experiências vivenciadas pelas comunidades com o mundo, da cultura, da singularidade de cada grupo falante. A arbitrariedade é fundada no modo diferenciado com que cada comunidade se relaciona com o mundo em que vive, de maneira natural, e até mesmo a idéia do “natural” é arbitrária, pois é ditada por uma cultura, ou seja, também o cultural determina o quem vem a ser o natural.

Podemos dizer então que a língua, por seu caráter arbitrário, é diferente das outras instituições humanas e também não pode ser regida ou corrigida por apenas um indivíduo. Além disso, ao reconhecermos a língua como contrato social, enfrentamos dificuldade por não conseguirmos assimilar que o signo não depende da nossa escolha. Quem fala o faz a partir de uma tradição, de uma convenção social e esta, por sua vez, determina e ultrapassa aquele que fala. Torna-se difícil compreender essa arbitrariedade, pois o falante já encontra a língua “pronta” e sabe que essa língua foi estabelecida por aquela comunidade. Como entender que a relação interna existente no signo independe do falante? É preciso esclarecer que o contrato social está no dia-a-dia, na língua posta em prática, em uso, e entender que a relação entre língua e realidade depende da variedade cultural de cada comunidade lingüística.

Outra característica do signo é a linearidade. O significante, por desenvolver-se de maneira linear e por sua natureza auditiva, representa uma extensão numa só dimensão, os termos aparecem um após o outro, em oposição, a representação dos sons pela escrita é um exemplo claro disso. Nas palavras de Saussure (1996, p.84)

Por oposição aos significantes visuais (sinais marítimos etc.), que podem oferecer complicações simultâneas em várias dimensões, os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo; seus elementos se apresentam um após o outro; formam uma cadeia. Esse caráter aparece imediatamente quando o representamos pela escrita e substituímos a sucessão do tempo pela linha dos signos gráficos.

1.7 Movimentando as peças: relações sintagmáticas e paradigmáticas

Relacionando a nossa análise do conto à lingüística saussuriana, tentaremos mostrar através dos elementos do texto de Poe, os movimentos realizados pela carta, que surgem tanto numa perspectiva de linearidade quanto de associação. Observaremos a forma como os personagens se relacionam com esses movimentos, assim como o indivíduo nas relações sintagmáticas e associativas. Pretendemos mostrar que estes movimentos da carta são semelhantes aos movimentos dos signos dentro do sistema da língua.

Portanto, para a nossa pesquisa, estudar o signo como elemento isolado não é suficiente, já que estamos trabalhando com a idéia de movimento do signo. Assim, falaremos agora sobre os movimentos do signo no sistema lingüístico saussuriano.

As relações entre os elementos do signo lingüístico se dão de formas diferentes em planos distintos, e podem ser classificadas como sintagmáticas e associativas.

As relações de caráter linear, estabelecidas em uma extensão, onde um termo se opõe ao outro, são chamadas de sintagmáticas. Tais relações existem em presença, devem ser entendidas dentro do discurso, onde um termo só adquire valor porque se opõe a outro.

Fora do discurso, as palavras que possuem algo em comum se agrupam na memória e estabelecem diversas associações. Essas associações, diferentemente das sintagmáticas, não têm como base a extensão, ocorrem em ausência, mas são partes constitutivas da língua de cada indivíduo. São chamadas relações associativas. Os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar termos com algo comum, o “espírito” capta também a natureza das relações que os unem em cada caso.

Esta é uma das principais diferenças das relações do signo lingüístico saussuriano, enquanto as relações sintagmáticas ocorrem “in praesentia” (presença) e

sugerem a idéia de um número limitado de termos sucessivos, as relações associativas ocorrem “in absentia” (ausência) e não há número limitado de termos. Assim, temos em Saussure (1996, p.146):

Enquanto um sintagma suscita a idéia de uma ordem de sucessão e de um número determinado de elementos, os termos de uma família associativa não se apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada. Se associarmos *desej-oso*, *calor-oso*, *medr-oso*, etc., ser-nos-á impossível dizer antecipadamente qual será o número de palavras sugeridas pela memória ou a ordem em que aparecerão.

O funcionamento da língua, portanto, é regido por relações sintagmáticas e por relações associativas. Nas primeiras, a organização é constituída por “solidariedades sintagmáticas” e ela nos mostra que: “A relação sintagmática da parte com o todo é tão importante quanto a das partes entre si.” Para exemplificar suas palavras, Saussure nos diz (1996, p.148):

Uma unidade como *desejoso* se decompõe em duas subunidades (*desej-oso*), mas não se trata de duas partes independentes simplesmente juntadas à outra (*desej + oso*). Trata-se de um produto, uma combinação de dois elementos solidários, que só têm valor pela sua ação recíproca numa unidade superior *desej x oso*).

A afirmação acima nos faz perceber uma relação de interdependência entre os termos, que não é simples e é importante em todos os sentidos, confirmando-se como princípio geral existente no sintagma. A coordenação dos elementos no sintagma permite, ainda, a criação de coordenações associativas que são necessárias para a análise das partes deste. Vejamos em Saussure (idem, p.149):

Entre os agrupamentos sintáticos assim constituídos existe um vínculo de interdependência; eles se condicionam reciprocamente. Com efeito, a coordenação no espaço contribui para criar coordenações associativas, e estas, por sua vez, são necessárias para a análise das partes do sintagma.

Assim, para as palavras “escolhidas” no sintagma, temos associações como que suspensas na cadeia associativa, que podem, a qualquer momento, romper o sintagma. Exemplificando Saussure nos mostra (idem p.150):

Seja o composto *des-fazer*. Podemos representá-lo numa faixa horizontal que corresponde à cadeia falada:

des-fazer →

Mas simultâneamente, e sobre outro eixo, existe no subconsciente uma ou mais séries associativas compreendendo unidades que têm elementos comum com o sintagma, por exemplo.

des-fazer →

descolar	fazer
deslocar	refazer
descoser	contrafazer
etc.	etc. “

São elementos armazenados na memória, no paradigma, que permitem a constituição do sintagma. Ou seja, as palavras que aparecem no sintagma foram escolhidas em uma série associativa e suscitam, dessa forma, toda uma organização latente.

O arbitrário do signo também deve ser analisado à luz do mecanismo da língua, pois o princípio da arbitrariedade permite discernir o que é imotivado daquilo que é parcialmente arbitrário, permitindo, também, compreender melhor o próprio mecanismo da língua. A análise do termo relativamente motivado implica em analisar termos dados e a evocação de outros vários termos, portanto, implica analisar relação sintagmática e associativa respectivamente. Tais relações limitam o arbitrário do signo e é por meio delas, utilizando o mecanismo referente a cada uma, que o termo expressa uma idéia.

Para Saussure (1996), portanto, tudo o que se refere à língua, vista como sistema, deve ser abordado a partir da idéia da limitação do princípio da arbitrariedade. Assim:

Se o mecanismo da língua fosse inteiramente racional, poderíamos estudá-lo em si mesmo; mas como não passa de uma correção parcial de um sistema naturalmente caótico, adota-se o ponto de vista imposto pela natureza mesma da língua, estudando esse mecanismo como uma limitação do arbitrário. (p. 154)

1.8. O valor das peças em cada jogada: o valor lingüístico e a produção de sentidos

Ao termo *unidade* – que implica sempre a possibilidade de isolar elementos – e ao termo *entidade* – que denota uma interrogação filosófica –, preferir-se-á, pois, *valor*, que supõe a existência de uma relação. Dizer *valor* é, por um lado, colocar uma “equivalência entre coisas de ordens diferentes”. (Normand, 2009, p. 79)

Qualquer peça do jogo de xadrez, vamos tomar como exemplo a Torre, tomada por si mesma, não será um elemento do jogo, somente quando inserida nas condições de jogo é que adquire seu valor. Tal peça poderá ser substituída por qualquer outra que não tenha a aparência de uma Torre, mas será revestida pelo mesmo valor.

Assim como as peças do jogo de xadrez, também na língua um elemento só vale por oposição a outro, não se pode tomar um elemento por si mesmo. Em cada época há valores relativos diferentes, valores frutos de uma convenção, encontrados pela oposição entre termos, e esta transformação ocorrida com o passar do tempo pode ser compreendida se as peças forem tomadas por si mesmas, porém, não é essa a análise que interessa a Saussure.

Assim como no jogo de xadrez, seria absurdo perguntar o que seria uma dama, um peão, um bispo ou um cavalo, considerados fora do jogo de xadrez, assim também não tem sentido, quando se considera verdadeiramente *a língua*, buscar o que cada elemento é por si mesmo. Ele nada é além de uma peça que vale por oposição às outras, segundo certas convenções. (Saussure, 2002. p.63)

Para entendermos a questão do valor lingüístico faz-se necessário entender um mecanismo inerente às línguas, no qual um elemento só tem relevância se estudado em

relação aos outros da mesma língua. A própria relação arbitrária entre significante e significado só pode ser entendida através da noção de valor lingüístico. A idéia de produção de sentidos não preexiste ao sistema, pois a arbitrariedade do signo garante os vários sentidos que ele pode assumir.

A independência das mudanças lingüísticas referente às mudanças extralingüísticas ocorridas numa comunidade falante, permite-nos dizer que, no ponto de vista de Saussure, o sentido de uma mensagem depende apenas de seu contexto lingüístico e em nada seria influenciado por qualquer acontecimento externo a ele.

Os fatores sociais não permeiam a noção de sentido nos estudos saussurianos, pois o sentido é visto como produção da interseção entre os dois eixos do discurso, como já dissemos, o paradigmático e o sintagmático, isto é, de acordo com Lopes (1997, p.114): *O valor de um elemento não se determina unicamente com um termo-objeto dentro de uma relação paradigmática, na langue, mas também, e ao mesmo tempo, como termo-objeto de uma relação sintagmática, na cadeia do discurso.*

Assim, cada elemento não possui um sentido livre, independente, pelo contrário, seu sentido, depende da combinação da qual faz parte dentro do discurso, só realiza sua função a partir do conjunto de elementos com o qual se relaciona. Não se pode considerar o valor ⁶apenas no seu aspecto conceitual, mas a partir dos movimentos de substituição e oposição. O valor lingüístico contém a produção de sentidos.

Semanticamente, não há uma diferença severa entre valor/sentido/significação e entre função/emprego, porém a palavra “valor” é a que melhor exprime o essencial da língua no sentido saussuriano: uma palavra (forma) não significa, mas vale, e isto implica a existência de outros valores. Mesmo assim, acreditamos ser importante, algumas considerações acerca de tais conceitos, diferença que aparece tanto no CLG quanto nos manuscritos de Saussure.

A palavra função trata-se dos possíveis significados que o signo lingüístico adquire no discurso em alternância com sentido e significação, sendo assim, a contraparte da forma.

Temos então que o significado seria o valor invariável do conteúdo do signo isolado, ou seja, o signo em estado dicionarizado, estático, sem relação com outros elementos, o qual Saussure chamou também de significação. Já função seria o valor do

⁶ Para Saussure as palavras podem até ter a mesma significação, mas não o mesmo valor lingüístico.

conteúdo do signo, porém, este contextualizado, relacionado a outros elementos, o valor variável do conteúdo do signo lingüístico.

Assim, a análise do sistema lingüístico requer o estudo do emprego das formas ou representação das idéias. Não se pode conceber as “formas” existentes de maneira isolada ou as “idéias” excluídas de sua representação. Portanto, com a dependência existente entre os termos, não é possível examinar a significação em si mesma, mas sim sua relação com o conjunto.

A significação é apenas uma maneira de exprimir o valor de uma forma, valor que depende completamente das formas coexistentes a cada momento, e que é, por conseguinte, uma empreitada quimérica, não apenas querer examinar essa significação em si mesma (o que não é nada lingüístico), mas querer examiná-la com relação a uma forma, visto que essa forma muda e, com ela, todas as outras e, com estas, todas as significações, de maneira que só predomina a mudança de significação vagamente em relação ao conjunto. (Saussure, 2004 p.41)

A instituição do valor se dá pela coletividade, sem ela seria impossível determinar o uso das palavras, o indivíduo sozinho seria incapaz de instituí-lo. Ou seja, é a coletividade quem cria os valores, realizando o corte nas massas dos sons e das idéias e, assim, fazendo com que se forme um todo, o signo, dentro de um sistema. Como já dissemos, esse corte é arbitrário. Portanto, a coletividade estabelece os valores, de forma arbitrária, é por isso que eles são sempre relativos, nunca absolutos.

Segundo Saussure (1996) todo movimento que ocorre na língua é denominado troca. Ainda de acordo com Saussure (idem, p.134) esta troca pode ser de dois tipos, a saber, “por uma coisa *desemelhante*, suscetível de ser *trocada* por outra cujo valor resta determinar” ou “por coisas *semelhantes* que se podem *comparar* com aquela cujo valor está em causa.” Esta é a característica primordial do movimento lingüístico: a substituição de termos que podem ser constantemente renovados a partir de seu valor que, como já dissemos, é sempre relativo.

Porém, para definir o que seja valor, devemos pensar no que representa este valor, pensar em uma das características do valor lingüístico, isto é, a significação. Pelas

leituras tanto do CLG quanto do ELG, percebemos que o que difere *valor* de *significação* não é algo fácil de responder. A *significação* é o valor tomado em seu aspecto conceitual, o significado interno do signo seria o valor isolado. Já o *valor* depende sempre do contexto, não é um signo isolado, mas sim sistêmico. Ainda, segundo Saussure (1996, p. 136): *Sua característica mais exata é ser o que os outros não são.*

Em uma passagem do ELG, Saussure (2002) chega a dizer que não há diferença relevante entre valor, sentido, significação e outros termos utilizados por ele, pois diz que tais termos são sinônimos, Porém, também diz que o *valor* é o que melhor expressa a essência da língua. Vejamos a passagem de seus escritos para tentar esclarecer melhor essa diferenciação:

Nós não estabelecemos nenhuma diferença séria entre os termos *valor*, *sentido*, *significação*, *função* ou *emprego* de uma forma, nem mesmo com a idéia como *conteúdo* de uma forma; esses termos são sinônimos. Entretanto, é preciso reconhecer que *valor* exprime, melhor do que qualquer outra palavra, a essência do fato, que é também a essência da língua, a saber, que uma forma não *significa*, mas *vale*: esse é o ponto cardeal. Ela *vale*, por conseguinte ela implica a existência de outros *valores*.

Ora, no momento em que se fala de *valores* em geral, em vez de se falar, ao acaso, do *valor* de uma forma (que depende absolutamente dos valores gerais) percebe-se que é a mesma coisa colocar-se no mundo dos signos ou das significações, que não há o menor limite definível entre o que as formas *valem* em virtude de sua diferença recíproca e material, e aquilo que elas *valem* em virtude do sentido que nós atribuímos a essas diferenças. É uma disputa de palavras. (Saussure, 2002, p. 30)

De qualquer forma, falar em significação como significado interno do signo ou como valor isolado, parece passar a idéia de que é possível um sentido que se produz isolado, fora do sistema. Ora, isto não condiz com a idéia de sistema de Saussure. Para ele, os termos dependem do sistema, são resultados deste. Isto equivaleria a dizer que a significação é resultado do valor e não preexiste a ele. Podemos ver bem esta relação através do exemplo dado pelo próprio Saussure (1996, p. 136):

Quer dizer que em português um conceito “julgár” está unido à imagem acústica *julgar*; numa palavra simboliza a significação; mas, bem entendido, esse conceito nada tem de inicial, não é senão um valor determinado por suas relações com outros valores semelhantes e sem eles a significação não existiria.

Tomando o signo em sua totalidade podemos dizer que a língua não compreende nem som nem idéias preexistentes a ela. O que existe de idéia ou som referente ao signo é menos importante do que o que há ao redor dele nos outros signos. Então, podemos dizer que o valor de uma palavra pode mudar sem que haja mudança de sentido ou de som, pelo fato de um termo vizinho ter sofrido uma modificação.

Da mesma forma que defende que o valor não pode ser considerado apenas no seu aspecto conceitual, Saussure diz que o mesmo se dá com o seu aspecto material, isto é, não pode ser observado separadamente, pois *o que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam a significação* (Saussure, 1996, p. 137). Portanto, para ele está claro que, quer se trate de conceito ou do aspecto material da língua, *jámais um fragmento de língua poderá basear-se, em última análise, noutra coisa que não seja sua não-coincidência com o resto* (Saussure, idem, ibidem).

Sendo assim, qualquer elemento da língua deve ser considerado como entidade opositiva, relativa e negativa. Além disso, a língua enquanto sistema é antes de tudo um sistema de valores, tais valores estabelecem-se e são determinados pelo social. Portanto, de acordo com Saussure (2002), podemos dizer que o valor é uma construção coletiva e na existe fora do social.

Seja qual for a sua natureza mais particular, a língua, como os outros tipos de signos, é, antes de tudo, um sistema de valores, e é isso que estabelece seu lugar no fenômeno. Com efeito, toda espécie de valor, mesmo usando elementos muito diferentes, só se baseia no meio social e na força social. É a coletividade que cria o valor, o que significa que ele não existe *antes e fora* dela, nem em seus elementos decompostos e nem nos indivíduos. (Saussure, idem, p.250)

A noção de valor é importante para que possamos compreender o mecanismo da língua, pois neste, um elemento só pode ser estudado quando relacionado aos outros elementos. Com isso, a relação entre significado e significante só se faz entender dentro da idéia de valor lingüístico. O valor dos signos é sempre instável e modificável, assim como a identidade.

1.9. As primeiras impressões da partida

Acreditamos ser relevante tecer algumas considerações, depois do que foi discutido neste primeiro capítulo.

Para esta dissertação, é importante observar que os movimentos do signo nos levam a dois opostos que fazem parte do mesmo movimento, ou seja, o que está na linearidade (relações sintagmáticas) e o que aparece como apenso, está na memória do indivíduo falante e não é linear (relações paradigmáticas). As palavras eleitas no sintagma permitem associações no eixo paradigmático, associações que são infinitas, pois o falante não tem consciência das inúmeras possibilidades de agrupamento. Sendo assim, as palavras do paradigma podem em algum momento romper o sintagma, pois é algo que ultrapassa o sujeito. Na linearidade, isto é, nas relações sintagmáticas, podemos dizer que a lei que permite a estruturação do sintagma precedem ao sujeito, não é o sujeito quem estabelece os limites nessa cadeia linear, mas sim, a língua.

Não podemos evitar dizer que tais movimentos são realizados pelo sujeito falante, é ele quem seleciona e combina os signos dentro do sistema. Contudo, não encontramos nos estudos saussurianos considerações teóricas sobre o sujeito, mas, ao observarmos como funciona o sistema da língua descrito por Saussure, podemos perceber que o indivíduo é tomado como referencial para a diacronia e a sincronia (como por exemplo, ao dizer que a sincronia só conhece a perspectiva das pessoas que falam), encontramos rastros que nos fazem pensar no sujeito que usa a língua e está sempre exercendo movimentos entre aquilo que já conhece e o desconhecido, a partir do momento em que fala mais do que pretende.

Podemos dizer que, em Saussure, não se trata de exclusão do sujeito, mas de não partir dele, não se deter nele, não falar dele, mas permitir

que em todos os movimentos do sistema da língua ele esteja presente para ser pensado de outra forma, de um outro lugar que não o de senhor absoluto da língua. (Nóbrega, 2009, p.10)

Dáí a teoria de Saussure ter servido de referencial para a teoria de sujeito em Lacan: a língua, do ponto de vista de Saussure, contribuiria para explicar o sujeito lacaniano, um sujeito efeito de linguagem.

CAPÍTULO II – O XADREZ DA PSICANÁLISE

2.1 Construindo o tabuleiro - Lingüística e psicanálise: um diálogo anunciado por Freud e os passos seguidos por Lacan.

Portanto, ao enunciar que Freud se antecipa à lingüística, estou dizendo menos do que o que se impõe, e que é a formulação que agora libero: o inconsciente é a condição da lingüística. (Lacan, 2003. p. 403)

Sendo a psicanálise um exercício de linguagem, torna-se praticamente impossível evitar a conexão entre linguagem e inconsciente, lingüística e psicanálise, usando as palavras de Arrivé (1999): *Para isso, seria necessário dizer que a linguagem na sessão analítica não teria nada a ver com a linguagem da lingüística (o que não é verdade).* A estrutura do inconsciente como linguagem é descoberta pela experiência psicanalítica.

Apesar de Saussure ter sido contemporâneo de Freud, não há registros de que o lingüista tenha tido conhecimento do trabalho do psicanalista e vice-versa, porém, a lingüística saussuriana, a partir da idéia de signo, dá uma visibilidade ao inconsciente, o que antes não havia. A noção de inconsciente estruturado como uma linguagem já se anuncia desde Freud, que se interessava pelas propriedades da linguagem, buscando explicar os processos formadores do inconsciente. De acordo com Freud (1910, p.164) *A relatividade essencial de todo conhecimento, pensamento ou consciência, não se pode mostrar a não ser pela linguagem.*

Para Freud, o inconsciente teria uma lógica própria, uma estrutura de linguagem, sendo dinâmico e capaz de produzir informações como os sonhos e os chistes, isto é, o inconsciente é capaz de gerar algo que ultrapassa o indivíduo, tais processos só podem ser compreendidos a partir do conhecimento da linguagem. No texto *A significação antitética das palavras primitivas*, Freud (idem, p.166) diz que: *E nós, psiquiatras, não podemos escapar à suspeita de que melhor entenderíamos e traduziríamos a língua dos sonhos se soubéssemos mais sobre o desenvolvimento da linguagem.*

Depois de Freud, Lacan tenta fazer uma aproximação entre a lingüística e a psicanálise, apresentando o significante como conceito comum as duas áreas e salientando que a psicanálise é um exercício de linguagem, segundo Lacan o

inconsciente é a condição da lingüística e a linguagem é a condição para o inconsciente.

As relações entre a lingüística e a psicanálise não podem ser encaradas com um olhar simplista, visto que tentar falar sobre estas relações é um feito desafiador, principalmente, no início dessa viagem destinada a um mundo que ainda vem sendo descoberto, repleto de novas possibilidades de interpretações, mesmo assim, a viagem mostra-se fascinante a cada passo. Segundo Nóbrega (2006) as relações entre a lingüística saussuriana e a psicanálise lacaniana não se dão sem riscos para os dois lados, riscos tais como o reducionismo ou a incompreensão de alguns conceitos que precisam ser readaptados, pois serão aplicados em um contexto específico.

Estas relações, como já dissemos, previstas desde os estudos de Freud e Saussure não nos deveriam surpreender, pois, segundo Arrivé (1999, p.22), *elas são programadas pela própria natureza da psicanálise que (...) tem as suas origens na linguagem.* E ainda nos diz que *A psicanálise não é nada mais do que um exercício de linguagem.* (idem, p.23).

Como a linguagem é objeto comum às duas disciplinas, a lingüística passa a ajudar a psicanálise na escuta da palavra, na atenção ao discurso que é *um mero falar para nada dizer* (Lacan, 2002). Para a psicanálise, o sentido está onde não aparenta, a linguagem não se mostra de maneira transparente, mas um lugar que esconde aquilo o que se quer dizer, supondo, então, haver dizeres por trás do que foi dito efetivamente.

Para o nosso trabalho, o que nos interessa da psicanálise lacaniana, conseqüentemente, do olhar de Lacan para Saussure e sua lingüística, é a utilização que o psicanalista faz dos conceitos lingüísticos para entender melhor a relação do sujeito com a linguagem, ou seja, compreender o sujeito como resultado de movimentos do significante, portanto relacionado diretamente ao sistema da língua. Para isso, nos propomos, neste capítulo, entre outras coisas, compreender o funcionamento do significante lacaniano para, depois, através da utilização do conto “A carta roubada”, como elemento de exemplificação, compreender o sujeito como resultado desses movimentos.

Devemos abordar a noção dos processos de formação do inconsciente apresentados por Freud, a saber, condensação e o deslocamento, conceitos estes retomados e aprofundados por Lacan ao falar das leis do significante. Além disso, nos estudos lacanianos sobre esses movimentos, observa-se a referência que Lacan faz aos

movimentos apresentados por Jakobson: a metáfora e a metonímia, movimentos relativos à linguagem.

Nesse sentido, poderíamos dizer que os significantes se movimentam de maneira semelhante ao signo lingüístico, pois seus movimentos se aproximam dos movimentos do signo do sistema lingüístico, também produtores de sentidos, como veremos no decorrer deste capítulo.

Assim, acreditamos que entender o sujeito, na perspectiva da psicanálise, implica compreender os movimentos do significante lacaniano, para isso partimos da noção de significante até a compreensão das suas leis, de acordo com Lacan. Para ele, as noções de estrutura e significante são inseparáveis, por haver na estrutura um deslizamento incessante do significado sob o significante. A razão do significante é representar uma falta e não representar uma coisa, pois não se trata de uma convenção social.

O significante lacaniano assemelha-se ao signo saussuriano na forma de funcionamento e na estruturação. Sendo assim, podemos dizer que a forma de estruturação do inconsciente é semelhante à da linguagem. No estudo da produção de sentidos o que nos interessa são as relações no sistema, por isso a escolha em aprofundar, nesta parte da dissertação, as aproximações entre o signo saussuriano e o significante lacaniano, atores principais desse processo, já que os movimentos do inconsciente são semelhantes aos movimentos encontrados na linguagem.

Tanto o significante lacaniano quanto o signo saussuriano se movimentam dentro de um sistema: o primeiro no sistema da língua e o segundo nas cadeias de significantes e cadeias de significados

Sendo assim, no campo da psicanálise lacaniana, nos interessa não o significante isolado, mas a relação com outros significantes, o movimento de deslocamento do significante, tentando mostrar o movimento em si, - que deve cooperar para uma compreensão de um sentido que foge ao lugar comum do esperado, do que é linear (próprio da concepção de linguagem) e o aprofundamento dos estudos sobre a compreensão desse tema para observar o sujeito lacaniano como resultado desses movimentos, observando também, como a constituição desse sujeito contribui para a compreensão da produção de sentidos.

Ancorados na psicanálise, decidimos retomar a análise que Lacan fez do conto “A carta roubada”, de Allan Poe, numa pretensão de aprofundar esses estudos, de forma

a contribuir, através da nossa pesquisa, para uma melhor compreensão do sujeito resultado dos movimentos de signo e significante.

Sendo assim, neste segundo capítulo, nos deteremos de maneira detalhada ao estudo do significante lacaniano, enfatizando a releitura que Lacan faz do signo saussuriano. Estudaremos, também, os movimentos do significante nas cadeias de significantes e de significados, como o significante lacaniano “atua” nos processos metafóricos e metonímicos (processos formadores do inconsciente), aproximando tais movimentos às relações que ocorrem no sistema lingüístico, a saber, sintagmáticas e paradigmáticas, temas relevantes para o nosso trabalho pelos motivos já mencionados anteriormente.

2.2 A releitura lacaniana do signo lingüístico saussuriano – O significante lacaniano

Uma releitura de Lacan, a partir da lingüística saussuriana, é mostrar que o significante está apartado de sua significação e não depende do sujeito para agir, para significar. Para esta dissertação, pensando na questão didática do texto, acreditamos ser relevante mostrar a releitura que Lacan fez do signo saussuriano, as diferenças e semelhanças do signo saussuriano e do significante lacaniano, mesmo sabendo que tais referências já estão consolidadas e, muitas vezes, são desnecessárias. Então, a partir daí, analisar a relação entre significante e significado nos estudos do psicanalista em questão.

Por pertencer a uma estrutura, o significado de uma palavra não se dá sozinho, é necessário compreender o sistema da língua. Assim, vemos em Joel Dor (1992, p.38): *o signo lingüístico não é somente significativo por seu conteúdo, mas também, e sobretudo, pelas relações de oposição que mantêm entre si na cadeia falada. É o sistema que lhes dá uma entidade significativa.*

Para Lacan o significante é representado por um “S” (maiúsculo), aparece sobre o significado separado por uma barra de resistência à significação e predomina sobre o significado; não está no mesmo patamar do signo e se desvincula do significado pouco a pouco. A união entre significante e significado só é possível a partir da existência de um sujeito e é o significante que governa o discurso do sujeito. Segundo Lacan (1996 [1957], p.227):

Para assinalar a emergência da disciplina lingüística, diremos que ela se origina, como é o caso de toda ciência no sentido moderno, no momento constituinte de um algoritmo que a funda. Esse algoritmo é o seguinte:

S/s

que se lê: significante sobre significado, o sobre correspondendo à barra que separa as duas etapas .

Nestas relações de oposição há uma autonomia do significante em relação ao significado a partir do propósito de que não há uma relação fixa entre ambos. Esta autonomia caracteriza uma importante propriedade do significante lacaniano, isto é, significante lacaniano exerce primazia sobre o significado⁷.

Também, na concepção de Lacan, a relação entre significado e significante vai além da nomeação das coisas. O significante lacaniano não representa apenas um significado, não é uma palavra para representar um conceito. Considerar essa afirmação como verdadeira estaríamos dizendo que o significante está ligado a um significado de maneira simplista, o que contraria Lacan:

E fracassaremos em sustentar sua questão enquanto não nos tivermos livrado da ilusão de que o significante atende à função de representar o significado, ou melhor dizendo: de que o significante tem que responder por sua existência a título de uma significação qualquer. (1996 [1957], p.501)

O significante não representa um significado, significado e significante estão separados e cada significante corresponde a um significado de acordo com a posição do sujeito, de seu lugar na realidade. As significações remetem a outras significações e não ao significante, pois este tem a função de representar um sujeito, provocar a significação em um sujeito. O significante antecipa uma significação. Vemos em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde de Freud* a seguinte citação de Lacan:

⁷ Lacan nos diz que a questão central da psicanálise seria a primazia do significante sobre o significado, diferentemente da lingüística saussuriana.

Pois o significante, por sua natureza, sempre se antecipa ao sentido, desdobrando como que adiante dele sua dimensão. É o que se vê, no nível da frase, quando ela é interrompida antes do termo significativo: Eu nunca..., A verdade é que..., Talvez, também... Nem por isso ela deixa de fazer sentido, e um sentido ainda mais opressivo na medida em que se basta ao se fazer esperar. (Lacan, 1996 [1957]. p.505)

É o encadeamento de significantes que produz uma significação. A essa seqüência fonemática correspondente ao Significante, Lacan chamará cadeia de significantes. Uma extensão com desdobramento linear, onde as relações entre os termos se dão em presença e em oposição.

Esta extensão temporal do Significante dá origem a uma propriedade fundamental da língua. Com efeito, a língua desdobra-se numa direção orientada que chamamos o eixo das oposições ou eixo sintagmático. É esta seqüência orientada na organização significativa que Lacan designa como Cadeia Significante. (Dor, 1992, p.33)

2.3 As peças principais do jogo entre linguagem e psicanálise

A partir do exposto no primeiro tópico deste capítulo, podemos detectar algumas diferenças e semelhanças entre Saussure e Lacan, no tocante ao signo e ao significante respectivamente. Vejamos mais claramente estes pontos divergentes e convergentes da lingüística e da psicanálise.

Como já dissemos, o Significante lacaniano é representado por um S (maiúsculo), está acima do significado e tem autonomia sobre ele. Em Saussure, significado e significante estão no mesmo patamar.

Em Lacan, significante e significado são separados por uma barra de resistência correspondente à significação. Já em Saussure, há o traço, mas não o caráter separador, muito menos de resistência à significação. Ou, como diz Nóbrega (2002, p. 229): *um traço separa o significante do significado tanto na figura de Saussure quanto na de Lacan. Entretanto, não se vê, na figura saussuriana, o traço funcionando como elemento de separação.*

Em Saussure, há uma teoria do signo que está ligada à teoria do significante de maneira essencial é um “apelo recíproco” entre significante e significado, ou seja, para Saussure se não houver signo não há significante nem significado. Por outro lado, para Lacan, a teoria do signo não está ligada da mesma maneira ao significado, isto é, na teoria lacaniana é possível afirmar que o significante é um signo, que *o signo pressupõe o alguém a quem ele constitui signo de alguma coisa* (Lacan, 1996 [1957], p.401). Assim, o signo representa algo para alguém e nem toda palavra pode ser considerada signo. Entretanto, isso não nos impede de afirmar que existe sim um signo lacaniano, porém diferente do signo saussuriano como nos diz Arrivé (1994, p.98):

Em Saussure há, fundamentalmente, uma teoria do signo: sem signo não há significante (nem significado). Em Lacan, as coisas são bem diferentes. Até que há, marginalmente, uma teoria do signo. Mas ela não se articula com a teoria do significante: significante (e significado) de um lado, signo de outro, estão disjuntos. A ponto de ser possível, na terminologia lacaniana, dizer que o significante é um signo, o que, em dialeto saussuriano, fica excluído. Não se pode dizer então que não existe signo lacaniano (...) Mas pode-se e até é preciso dizer que o signo lacaniano é fundamentalmente diferente do signo saussuriano.

Portanto, conforme Arrivé, Lacan não tem em grande conta este signo, mesmo que o utilize a propósito do sintoma. Na abordagem do signo de Lacan se pode considerar a ausência do significado, sendo possível para o analista considerar o movimento do significante sem fazer alusão ao significado. O significado é subordinado ao significante, separado dele e também não é representado por ele. O traço separador é verdadeiramente uma barra entre os dois, intransponível, como na metonímia, mas também é algo que pode ser atravessado como podemos perceber na metáfora, aprofundaremos este assunto - movimentos do significante lacaniano - mais a frente. Assim, temos em Lacan:

A lingüística com Saussure e o Círculo de Praga, institui-se por um corte que é a barra colocada entre o significante e o significado, para que nela prevaleça a diferença pela qual o significante se constitui em termos absolutos, mas também para que se ordene, efetivamente, por uma autonomia (...) (2003, p. 401)

Também requer atenção o fato de Lacan apagar do algoritmo saussuriano o círculo e as flechas, estas indicando a relação de dependência do significante para com o significado no signo lingüístico. Dessa forma, Lacan explicita o deslizamento incessante do significado sobre o significante, o que não quer dizer que o significado, em Lacan, esteja livre de amarrações com o significante como explicita Arrivé (idem, p. 106):

... se o significado está encerrado com o significante dentro de uma célula, “um domínio fechado”, ele não pode “deslizar”. E fica igualmente impedido se a “significação não é, como o indicam as flechas da figura, senão a contrapartida da imagem auditiva.” Isso entra evidentemente em contradição absoluta com a “autonomia” do significante lacaniano.

E ainda, segundo o próprio Lacan (1996 [1957], p.506) *é na cadeia do significante que o sentido insiste, mas que nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento. Impõe-se, portanto, a noção de deslizamento incessante do significado sob o significante.*

Outro ponto divergente está na idéia de “corte”. Saussure, ao comparar a língua a uma folha de papel, afirma que havendo cortes eles atingirão ao mesmo tempo o significado e o significante, ou seja:

A língua é comparável a uma folha de papel. O pensamento é a face, e o som o verso; não se pode cortar a face sem cortar ao mesmo tempo o verso; assim também, na língua, não poderíamos isolar o som do pensamento, nem o pensamento do som (Saussure, 1996, p.131).

O “corte”, que seria responsável pela união entre significado e significante em Saussure, será visto por Lacan como fluxo de significantes e fluxo de significados, responsáveis por estabelecer as relações entre ambos. Portanto, Lacan descarta a idéia de “corte” e introduz um novo conceito para a concretude dessa união que compõe o signo, a qual ele chama de ponto-de-estofo. O ponto-de-estofo seria uma amarração e produz um signo. Lemos em Jöel Dor (1992, p.39):

Para Lacan, o ponto-de-estofó é, antes de mais nada, a operação pela qual "o significante detém o deslizamento, de outra forma indeterminado e infinito, da significação." Em outras palavras, é aquilo por meio do qual o significante se associa ao significado na cadeia discursiva.

Devido ao seu caráter diferencial, o significante saussuriano é um elemento lingüístico consciente, mas isto se levarmos em consideração a sincronia. Já na diacronia não é possível perceber a intenção da mudança lingüística, pois se trata de algo que não passa pela consciência do sujeito. Para Lacan, o significante pode ser a palavra independente do inconsciente, pode ter aspecto somente inconsciente. Assim o significante é signo de um sujeito, sujeito do inconsciente. *O que importa não é a substância acidental do elemento chamado a funcionar como significante, mas o modo de sua articulação com os outros, isto é, a estrutura.* (Arrivé, 1999, p.97).

Apesar das diferenças enumeradas, alguns pontos entre Saussure e Lacan são convergentes e justificam o empréstimo feito por Lacan dos conceitos saussurianos. Vejamos a seguir.

Em Saussure e Lacan, para que haja significante é necessário que haja significado e vice-versa, mesmo sabendo que para Saussure eles estão no mesmo patamar e que para Lacan o significante é superior ao significado. Aqui há uma divergência, pois para Lacan é o significante que determina o significado, sem reciprocidade. O significante lacaniano, como o saussuriano, não remete a um objeto, Lacan exclui a idéia de coisa e, ao mesmo tempo, insiste na ausência que ao mesmo tempo é presença de outro significante.

Lacan mantém o princípio da linearidade do significante. O significante lacaniano, assim como o saussuriano, possui uma característica linear que se desdobra no tempo. À seqüência de significantes, Saussure chama de relações sintagmáticas e Lacan designa cadeia de significantes, relações que se dão em presença e em oposição. Correspondente às relações associativas de Saussure, as relações que não são lineares, também se dão em ausência e de forma mnemônica, Lacan fala a respeito do que pode estar ligado ao discurso, porém fora da cadeia linear e, para isso, busca o Saussure dos anagramas, dizendo-nos:

Não há cadeia significante, com efeito, que não sustente, como que apenso na pontuação de cada uma de suas unidades, tudo o que se articula de contextos atestados na vertical, por assim dizer, desse ponto. (1996 [1957], p. 507)

A idéia saussuriana de corte na linguagem, composta por dois eixos, remete-nos a uma questão importante da teoria lacaniana, a saber: construções metafóricas e metonímicas, para apreciarmos a predominância do significante sobre o significado.

2.4 Os movimentos do significante lacaniano

Metáfora e Metonímia – processos formadores do inconsciente

É que não metaforizo a metáfora nem metonimizo a metonímia para dizer que elas equivalem à condensação e à transposição no inconsciente. Mas desloco-me com esse deslocamento do real no simbólico, e me condenso para dar peso a meus símbolos no real, como convém para seguir o inconsciente em sua pista. (Lacan, 2003. p. 418)

Antes de iniciarmos nossos estudos sobre os processos metafóricos e metonímicos, sentimos a necessidade de dizer, mais uma vez, o porquê deste momento na nossa dissertação. A parte da análise lacaniana do conto, a parte que nos interessa, retrata movimentos de significantes e a produção de um efeito sujeito. Lacan, em sua análise, relaciona os movimentos da carta que determinam a posição de cada personagem no conto. A carta representaria um significante e os personagens exemplificariam os sujeitos.

Sendo assim, por delimitarmos nosso campo de estudo apenas na questão do sujeito enquanto resultado do movimento de significantes, e em como esses movimentos caracterizam esses sujeitos, faz-se necessário compreender porque o significante exerce primazia sobre o sujeito - pois os sujeitos mobilizam-se provocados pelo significante - além de reconhecer a autonomia do significante e sua supremacia sobre o significado. Para isso, trazemos nesta seção do trabalho os movimentos de metáfora e metonímia

Os estudos de Lacan aliados aos estudos lingüísticos possibilitaram um aprofundamento nas descobertas iniciadas por Freud sobre as formações do inconsciente. Podemos dizer que essas formações são psíquicas e nelas o inconsciente se apresenta, temos como exemplo o sonho. Logicamente, a linguagem do sonho não se dá de maneira linear como na seqüenciada fala, mas a partir de associações, da análise da rede de significantes podemos encontrar algum sentido no que parece estar velado. Lacan aproxima os mecanismos da lingüística aos processos de formações do inconsciente.

Sabemos que o significante e o significado estão marcados por um incessante deslizamento um sobre o outro e que se prendem em algum momento. Devemos então analisar as relações das duas cadeias que Lacan chama de cadeia significante e cadeia do discurso comum ou do discurso racional, para compreendermos o deslizamento e os pontos de encontro dessas cadeias que podem nos dar uma idéia de como funciona o inconsciente nos termos lacanianos. Para isto, usaremos um famoso esquema de Lacan (2002 [1957-1958], p.18) representado pela figura abaixo:

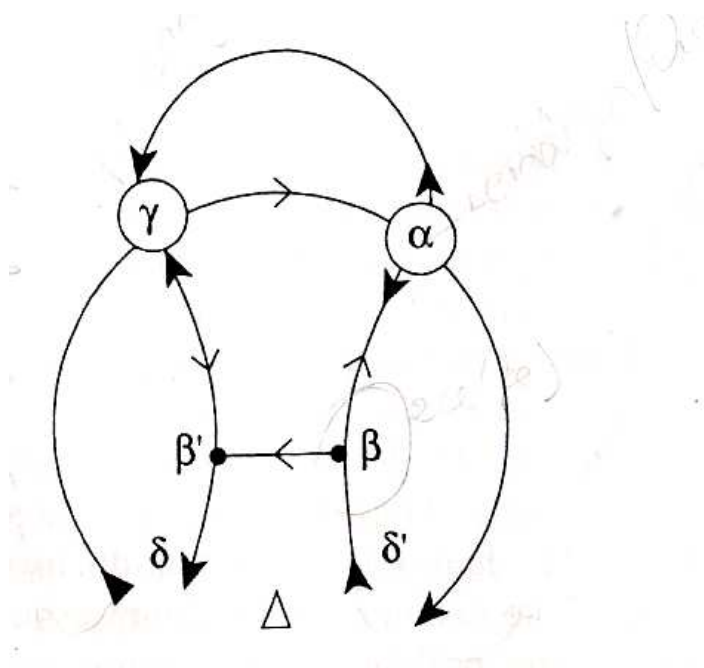


Figura 1: Representação das linhas do discurso

Fonte: Lacan (2002)

Observamos no esquema duas linhas que se cruzam em dois pontos. Uma das linhas do esquema é a cadeia significante, isto é, a linha que se inicia na base da flecha, representa o começo de um percurso e o seu fim. Seria onde, segundo Lacan, observam-se os efeitos da metáfora e da metonímia, ou seja, a linha que representa os movimentos do inconsciente.

A outra linha, a que passa por dentro, conecta-se à linha maior e a atravessa por duas vezes e está em sentido oposto, é a do discurso racional e é nesse discurso comum, corrente, o qual Lacan chama de “discurso da realidade” que se produz o mínimo de criações de sentido, pois o sentido já está como dado, nesse nível também se produz o discurso vazio, ou o “falar para nada dizer”, já que na perspectiva da psicanálise, este dizer “comum”, do código, é um dizer que ainda não diz do sujeito. Então, segundo Lacan (2002 [1957-1958] p.19), podemos definir estas duas linhas do discurso da seguinte forma:

Esta é a linha do discurso concreto, do sujeito individual, daquele que fala e se faz ouvir... ao passo que a primeira é tudo o que isso inclui como possibilidade de decomposição, de reinterpretação, de ressonância e de efeitos metafóricos e metonímicos. Uma vai no sentido inverso da outra, pela simples razão de que elas deslizam uma sobre a outra. Mas uma corta a outra e elas se cortam em dois pontos perfeitamente reconhecíveis.

Os dois pontos onde uma cadeia corta a outra são o código (α) e a mensagem (γ). Neste encontro dá-se a criação de sentido e é aí que está a “verdade”. Na maioria das vezes o sentido não vem à tona pelo fato do discurso ser apenas uma repetição de palavras e não atingir a cadeia significante, porém supomos, de acordo com Lacan (2002, [1957-1958]. p.20) *que o discurso sempre diga mais do que aquilo que se diz.*

O que surge de sentido e significação, o essencial, se manifesta através dos mecanismos próprios do inconsciente, tais como condensação (metáfora) e deslocamento (metonímia), termos utilizados por Freud. É o que acontece, por exemplo, no sonho e na tirada espirituosa (nesta podemos observar que metáfora e a metonímia ocorrem simultaneamente) e sobre ela Lacan (idem p.32) afirma que: (...) *há nisso uma função significante que é própria da tirada espirituosa, como significante, que escapa*

ao código, isto é, a tudo o que então se acumulou de formações do significante em suas funções de criação de significado.

O elemento significante permitiu um certo engendramento na cadeia paradigmática e a possibilidade de substituição de significantes na cadeia sintagmática, a esse engendramento é que Lacan chama de sentido, e esses efeitos do sentido são o que Freud chamou de as formações do inconsciente, ou seja, metáfora e metonímia.

Baseado em Jakobson (1995) podemos dizer que a existência das cadeias de significantes compreende dois modos de articulação, isto é, da metáfora e da metonímia, ou seja, duas dimensões: uma chamada de combinação, continuidade ou concatenação e a outra de substituição ou, também, conforme Lacan (2002 [1957-1958], p.34) *em todo ato de linguagem, embora a dimensão diacrônica seja essencial, há também uma sincronia implicada, evocada pela possibilidade permanente de substituição que é inerente a cada um dos termos.*

O discurso, então, desenvolve-se em dois eixos, o das seleções (paradigmático) e o das combinações (sintagmático), confirmando, assim, os dois processos essenciais no funcionamento da língua: o metafórico, que ocorre no eixo paradigmático, onde as relações se dão por similaridade, e o metonímico, correspondente ao eixo sintagmático, onde as relações se dão por contigüidade.

O desdobramento da articulação do significante na seqüência falada necessita, pois que examinemos suas conseqüências ao nível das duas linhas semânticas: metáfora e metonímia, que sustentam o processo de linguagem na direção paradigmática e na direção sintagmática. (Dor, 1992, p.40)

A partir do funcionamento dos dois processos, metafórico e metonímico, podemos comprovar a idéia de Lacan referente à supremacia do significante. Segundo Lemaire (1989, p. 243):

(...) metáfora e a metonímia como os dois fenômenos lingüísticos responsáveis pela autonomia ou pela supremacia dele sobre o significado na linguagem. Esta supremacia do significante foi definida como aptidão particular que a linguagem possui para significar outra coisa do que aquilo que diz à letra.

Para que entendamos melhor a supremacia do significante sobre o significado, a importância dessa característica e a produção de sentidos acarretada por esse marco diferencial do significante lacaniano é necessário que conheçamos melhor os movimentos do significante.

A metáfora é uma relação fundamentada na similaridade semântica ou homofônica, relação de substituição de sentido conotativo que é permitida pelo léxico da língua. Esta similaridade será evidenciada nas cadeias associativas.

No ponto de vista de Lacan, a metáfora consiste em substituição de significantes, ou seja, designar uma coisa por meio do nome de outra, segundo ele (2002, [1955-1956] p.249): *A metáfora supõe que uma significação seja o dado que domina, e que ela inflete, comanda o uso do significante, tão bem que toda espécie de conexão preestabelecida, diria lexical, se acha desatada.*

A substituição de significantes só é possível a partir de uma coerência estabelecida pela relação de similaridade entre estes significantes componentes de uma mesma cadeia, dando ao significante autonomia em relação ao significado, demonstrando assim a supremacia daquele sobre este.

Lacan exemplifica⁸ com o conto “A carta roubada”, a supremacia do significante sobre o significado, pois ao considerar a carta como significante e seu conteúdo como significado, chama a atenção para o fato de a circulação da carta mobilizar todos os personagens, mesmo que em nenhum momento do conto o conteúdo da carta tenha sido revelado.

A metáfora é, portanto, produtora de sentido. Segundo Joel Dor (1992, p.44): (...) *os significados extraem toda a sua coerência da rede dos significantes. Nessas condições, a “língua” governa a fala, o que constitui uma prova manifesta em favor da supremacia do significante.*

É na relação de substituição de significantes por outros pela similaridade, ou seja, na metáfora, que advém o novo sentido, a força criadora que desenvolve o significante e traz à luz o que era obscuro para a realidade. A criação desse sentido é a finalidade do funcionamento da metáfora. Porém, não podemos afirmar que a substituição seja a metáfora, mas uma articulação, o meio significante onde ocorre o ato da metáfora. Para a substituição de um significante por outro, é necessário que o lugar

⁸ Nesta parte do capítulo tomamos o conto “A Carta Roubada” de maneira breve, pois a análise do conto feita por Lacan será apresentada de maneira ampla no terceiro capítulo.

do significante já esteja definido na cadeia combinatória, pois se trata de uma substituição posicional.

Já o processo metonímico consiste na denominação de algo por um termo que não lhe é habitual, isto é, há uma transferência de denominação permitida por ligações entre os termos substituídos. Por exemplo, temos a seguinte frase: “As velas se aproximam”, na verdade “as velas” referem-se ao barco ou similar, há uma relação de troca da parte pelo todo, a partir de uma ligação de contigüidade que existe entre os termos. Assim, a metonímia implanta um novo significante. Mantém-se a presença dos dois significantes que impossibilita a criação de um novo signo e a associação aleatória de significante e significado. Lacan diz (2002 [1955-1956] p.251):

A forma retórica que opõe à metáfora tem um nome – ela se chama metonímia. Ela concerne à substituição de alguma coisa que se trata de nomear - estamos, com efeito ao nível do nome. Nomeia-se uma coisa por uma outra que é o seu continente, ou a parte, ou que está em conexão com.

Então, podemos dizer que a metonímia consiste na relação de um significante S com outro significante na continuidade da cadeia. Na relação de significantes por contigüidade, na metonímia, há o jogo com os contextos e os empregos. Não há uma substituição de significantes, mas sim a continuidade da cadeia, ou seja, uma transferência de significação no decorrer dela.

Ela se exerce associando os elementos já conservados no tesouro das metonímias. Uma palavra pode ser ligada de maneira diferente em dois contextos diferentes, o que lhe dá dois sentidos completamente diversos. Ao tomá-la num certo contexto com o sentido que ela tem em outro, estamos na dimensão metonímica. (Lacan 2002 [1955-1956], p.65)

Ainda para Lacan (1996 [1957], p.510), a metonímia é a base da metáfora:

A centelha criadora da metáfora não brota da presentificação de duas imagens, isto é, de dois significantes igualmente atualizados. Ela brota entre dois significantes dos quais um substituiu o outro,

assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia.

Aos processos de metáfora e metonímia, Lacan relaciona os dois processos freudianos formadores do inconsciente, ou seja, a condensação e deslocamento, respectivamente.

As leis que estruturam os processos do inconsciente (condensação e deslocamento), os fenômenos pertencentes às formações do inconsciente, equivalem ao que podemos considerar como meios fundamentais de formação de sentido, na medida em que são gerados pelas combinações do significante.

Da mesma forma que na metáfora, a metonímia também converge para comprovar a autonomia do significante e sua supremacia sobre o significado. Porém, há uma diferença essencial entre metáfora e metonímia para a qual Lacan nos chama atenção. Consiste em linhas gerais dizer que na metonímia a barra de significação é mantida, pois há uma resistência à significação, na medida em que este processo apresenta-se sempre com um sentido aparente, ou seja, o sentido não aparece de imediato, é necessário estabelecer relações entre significantes para se conceber o sentido da expressão metonímica. Já na metáfora, o sentido aparece de imediato porque há uma transposição da barra de significação.

Assim, as transferências de significantes só são possíveis pela estrutura da linguagem, podemos observar em Lemaire (1989, p. 243): *Portanto, para J. Lacan, metáfora e metonímia em lingüística, condensação e deslocamento em psicanálise, explicam a alienação de um pensamento ou de um significado pelo fato de terem que se mediatizar pela linguagem.*

Em resumo, podemos afirmar que a metáfora está centrada na possibilidade de substituição de algo, de um significante, e que a cadeia significante é a base da metonímia. A mínima origem da cadeia significante, a origem metonímica, é fundamental para se produzir o fenômeno metafórico, ou seja, não haveria metáfora se não houvesse metonímia. A cadeia na qual se produz o fenômeno da metáfora está, quando se trata da metonímia, numa espécie de deslizamento. Portanto, metáfora e metonímia são dois movimentos de um mesmo processo.

2.5 O inconsciente e a linguagem

Uma analogia de seus processos constituintes.

A lingüística fornece o material da análise, ou o aparelho com que nela se opera. Mas um campo só é dominado por sua operação. O inconsciente pode ser como disse, a condição da lingüística.

Em seu texto *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde de Freud*, Lacan (1996 [1957]) inicia situando a psicanálise entre a escrita e a fala. Segundo o psicanalista, nesse mesmo texto, a linguagem seria preexistente à entrada do sujeito num momento de desenvolvimento mental e, além disso, serve para veicular o que não foi dito, esta estrutura de linguagem está no inconsciente.

As leis de composição do inconsciente explicitadas por Freud e o aprofundamento dos estudos sobre esse tema a partir das pesquisas de Lacan, levam-nos a perceber que o inconsciente é constituído por leis fundamentais do discurso, porém, na articulação do inconsciente faltam os elementos inerentes ao discurso comum, isto é, a linearidade.

Assim, comparando a lingüística à psicanálise, percebemos que o funcionamento do significante lacaniano se assemelha ao do signo saussuriano, bem como os movimentos relacionados a essas duas peças primordiais para nosso estudo, pois, relacionando os processos metafóricos e metonímicos, abordados por Lacan, às relações associativas e sintagmáticas, apontadas por Saussure, podemos observar, também, algumas semelhanças.

A metáfora, assim como as relações associativas, ocorre no eixo paradigmático, ligando elementos similares tanto na forma quanto no sentido. A metáfora brota entre dois significantes, dos quais um substitui o outro e possibilitam a produção de um novo sentido. Conforme Lacan (1996 [1957], p. 510) *Uma palavra por outra, eis a fórmula da metáfora (...)*.

A metonímia, da mesma forma que as relações sintagmáticas, se dá no eixo horizontal, entre os significantes, no qual um termo se opõe a outro, há um deslizamento de sentidos e *é no de palavra em palavra dessa conexão que se apóia a metonímia.*(Lacan, idem, p.509)

As substituições que ocorrem na linguagem por similaridade semântica ou homofônica podem também ser identificadas nos processos do inconsciente, evidentemente, não de modo imediato, mas através de cadeias associativas. Portanto,

podemos comparar a condensação à metáfora (substituição de significantes). Nas palavras de Lacan (1996 [1957], p.515) *condensação é a estrutura de superposição dos significantes em que ganha campo a metáfora.*

Também podemos, da mesma forma, estabelecer uma comparação entre o processo de deslocamento do sonho e o processo metonímico. No deslocamento do sonho, aquilo que era essencial no conteúdo latente torna-se acessório no conteúdo manifesto, é o mesmo que, de alguma forma, representar o todo pela parte ou outros tipos de metonímia, nos quais um significante pode ser representado por outro numa relação de contigüidade, que também só pode ser evidenciada por associações. *Deslocamento, transporte de significação que a metonímia demonstra e que, desde seu aparecimento em Freud, é apresentado como o meio mais adequado do inconsciente para despistar a censura.* (Lacan, (1996 [1957], p.515)

Somos, portanto, à luz da psicanálise, determinados pelas leis fundamentais da linguagem que são também constituintes do inconsciente. Assim, as necessidades, os desejos, nos chegam fragmentados e são estruturados pelos mecanismos de condensação e deslocamento aos quais Lacan chama de leis do significante. Tal função significante não implica apenas designar uma coisa qualquer, mas sim ir além do “significado” aparente.

Lacan se interessa pelos outros laços que podem se atar ao discurso, não apenas à cadeia linear, visto que a estrutura do significante lacaniano prevê pelo menos dois movimentos: um que se dá em uma linha linear, a do discurso que fala para nada dizer, e outro existindo permanentemente sob a linha do discurso, atravessa-a, encontra-se com ela, produzindo sentido, aproximando-se, definitivamente, dos movimentos do signo saussuriano, ou seja, das relações sintagmáticas e paradigmáticas, que se encontram na noção de valor. Utilizando as palavras de Lacan (2003, p.405) *É que o efeito que se propaga não é de comunicação da fala, mas de deslocamento do discurso,* assim, podemos dizer que o discurso define uma posição e o efeito da transmissão do discurso causa deslocamento da posição.

2.5. Sujeito: o dono do jogo?

(...) mesmo para o sujeito que joga sozinho, seu jogo só tem sentido se ele anunciar previamente o que ele pensa que vai sair. Pode-se jogar sozinho cara ou coroa. Porém, do ponto de vista da fala não se joga sozinho. (Lacan, 1985 [1955] , p. 243)

Conforme propomos no nosso trabalho mostrar uma relação entre o sujeito da psicanálise e a linguagem, apresentaremos aqui, de maneira simplificada, como se constitui o sujeito para a psicanálise.

É importante deixar claro que nossa pretensão não é analisar os sujeitos do ponto de vista do inconsciente, o que seria impossível em uma análise desse tipo. É o sujeito enquanto produto de movimento que analisaremos no conto e não o sujeito do inconsciente, especificamente o que é produto de análise ou de uma sessão psicanalítica. Tomaremos a leitura de Lacan do conto “A carta roubada” para observar os personagens como resultados do movimento da carta, como uma espécie de exemplificação do conceito de sujeito na psicanálise lacaniana, principalmente no que diz respeito a sua relação de determinação ou de sujeição ao significante, ou ainda, o sujeito como resultado de movimentos de significantes.

Segundo Elia (2007) a experiência psicanalítica faz com que surja um sujeito através da livre associação. O sujeito do inconsciente, que é o da psicanálise, não se trata de um conceito simplesmente. A livre associação na experiência da psicanálise freudiana dá condições para que um sujeito apareça através das formações do inconsciente, tais como os sonhos e os atos falhos. Por ser estrutura como uma linguagem, o sujeito tem acesso ao inconsciente através da fala e, dessa forma, o sujeito emerge.

As produções regidas por significantes, ou seja, do campo do sentido são da ordem simbólica. De acordo com Lemaire (1989) o acesso ao simbólico é possibilitado pelo que Lacan denominou de “divisão do sujeito”. Este sujeito dividido é mediatizado pela linguagem, excluído da cadeia significante e representado por ela ao mesmo tempo. Toda produção dita verbal⁹ está no campo do simbólico e nesse campo o “não-verbal” é inexistente. Assim, o sujeito humano, por ser de linguagem, se constitui no campo verbal. Desse verbal podemos entender diversos tipos de linguagem: uma expressão

⁹ Entenda-se verbal por depender de um significante.

corporal, uma história contada oralmente etc., mesmo que o sujeito tenha uma fala fragmentada ou desconexa, *ainda sim estará no campo da linguagem, na medida em que é ser falante, que se constitui em um mundo de linguagem* (Elia, 2007, p.22).

A fala é privilegiada por, a partir dela, percebermos a separação entre significado e significante, sendo possível observar a primazia deste sobre aquele. Percebemos esta primazia do significante porque é na fala que se observa a emergência do sujeito através de suas falhas, quando aparecem na cadeia da fala, fazendo surgir o sentido, e tal movimento faz com que o falante se reconheça e reconheça a falha como parte dele. Assim, a linguagem do inconsciente é constituída por significantes que estão relacionados em cadeias e são responsáveis por definirem um sentido, provocando um significar.

A estrutura das formações do inconsciente se apresenta de maneira metafórica¹⁰, consiste na substituição de significantes por outros significantes e essa substituição produz um sentido, até então inexistente, o que torna possíveis algumas interpretações dessa linguagem. Para a psicanálise, o sujeito se constitui no campo da linguagem, ele é o efeito da linguagem.

Conforme nos diz Elia (2007) o inconsciente freudiano precisa ser situado em um campo material e ao mesmo tempo simbólico, este campo seria a linguagem. Por isso, Lacan retoma o signo saussuriano e consegue o suporte que atende a essas duas especificidades, o material e o simbólico: o significante por ser material (imagem acústica) associado à idéia (significado). Assim, o signo saussuriano é material (da fala humana) e simbólico (por produzir significados pela articulação de significantes).

Para a psicanálise, a raiz do sujeito é o social. O ser humano entra no social através da família, da intervenção de um adulto próximo¹¹, e aqui Lacan introduz uma categoria chamada de Outro. De acordo com Elia (2007) A mãe encarna a ordem do Outro para o bebê, transmitindo uma ordem significante, e que ela mesma não sabe o que é e nem o que pretende. Com isso, o que chega ao bebê “são significantes introduzidos pelo Outro materno” que causarão um ato de resposta, este ato é chamado sujeito. Vale salientar que este Outro não se refere apenas ao ser adulto, *mas a ordem que este adulto encarna para o ser recém-aparecido na cena de um mundo já humano, social e cultural*. (Elia, idem, p. 40).

¹⁰ Ver capítulo II.

¹¹ Freud deu o nome de desamparo fundamental do ser humano a essa condição de exigência de intervenção de um adulto próximo.

Para que a constituição do sujeito seja possível no campo do Outro, faz-se necessário supor um Outro anterior ao sujeito. Se pensarmos nessa anterioridade, naquilo que já está estabelecido antes da constituição desse sujeito, podemos relacionar a cultura, a sociedade, bem como a linguagem. Este sujeito, nesta proposta, sofre o reflexo daquilo que lhe é anterior, pois está inserido numa sociedade rica em tradições e culturas, o que o impossibilita de ser senhor total de si.

A criança herda um simbolismo no qual precisa se inserir e, segundo Lemaire (1989, p.113) esta *inscrição no mundo do simbólico é mimetismo, colagem. Ele nos modela num ser de representação*. Esta inscrição no simbólico da linguagem e da família representa a inserção da criança no meio como indivíduo societário e provido de individualidade.

A psicanálise considera então que o sujeito é um ato de resposta. O ato primeiro do sujeito, segundo o mito do assassinato do pai¹², é a morte do Pai. A falta deixada por esse “assassinato” é que permite o aparecimento do sujeito, pois esta falta é fundadora do sujeito.

Primeiramente, a criança deseja ser o objeto de desejo da sua mãe, buscando de maneira inconsciente, ser ela mesma este objeto. O pai é o que torna impossível essa união da mãe com a criança e as afasta. Por ser impedida pelo interdito paterno, afastada da mãe, a criança passa a renunciar o seu desejo e aceitar a Lei de limitação. Este afastamento da criança e da mãe é marcado por uma falta. Sendo assim, ao aceitar a intervenção paterna, a criança deixa de ser o desejo do desejo do Outro, a mãe, identificando-se com o objeto deste desejo, ou seja, o *fálus*¹³ (LEMAIRE, 1989). Aqui temos a “castração”, ou seja, um efeito interventor, de recalque, que é primordial na constituição do sujeito, a partir da aceitação ou exclusão desse recalque. O processo de castração só ocorrerá se a mãe fizer a mediação junto à criança, para que esta aceite a voz do pai como uma Lei, uma força interventora.

Dessa forma, assumindo sua falta pela metáfora paterna, a criança renuncia e nomeia seu desejo. O desejo verdadeiro é recalcado, isto é, deixado no inconsciente. Esse desejo é designado como recalque originário, é o que determina o acesso ao simbólico, (à linguagem), substituindo o real da existência por um símbolo de uma Lei.

¹² Durante este capítulo fazemos menções de termos como “pai” e “mãe”, não como representantes de seres biológicos, mas sim representando funções de pai e mãe.

¹³ Entenda-se “fálus” como metáfora que representa o poder.

Conforme LEMAIRE (1989, p. 112) *o acesso ao simbólico salda-se pelo que Lacan chamou de 'divisão do sujeito', pela perda de uma parte essencial dele mesmo, pois no simbólico o sujeito não pode ser se não representado, traduzido.*

É justamente nesta falta e nas representações que o sujeito realizará os movimentos de linguagem, a metáfora e a metonímia, sempre numa tentativa de substituição do que foi recalcado, o que Lacan chama de S^1 , por se tratar do primeiro significante. O significante primeiro foi chamado por Lacan de Real. É aquilo que ficará recalcado, isto é, nunca será dito, fica no inconsciente e é constituído de uma falta constante.

Esta falta será responsável por mover o sujeito, movimentar a cadeia significante, por isso a sua importância na constituição do sujeito. Assim, podemos dizer que este processo de formação do sujeito dar-se-á de maneira heterogênea, uma vez que o sujeito é efeito do movimento de significantes e esses movimentos de deslizamento do significante são diferentes para cada um. Vale lembrar que o acesso ao Simbólico é igual para todos os indivíduos.

Assim, segundo Lemaire (1989) o ser humano é mais efeito do que causa do significante. Ao sermos modelados como representação, o que nos resta de verdadeiro ficaria recalcado. Para entendermos melhor, podemos dizer que o sujeito, do lado do discurso, pode aparecer de diversas formas, em diversos papéis sociais, porém, prova no seu discurso a sua falta, o que ficou do lado recalcado, isto é, do inconsciente.

A refenda, para usar o termo escolhido por J. Lacan, mascara, pois, o sujeito a si mesmo nos enunciados que profere sobre si e sobre o mundo. Mais ainda, nos diz J. Lacan, o sujeito faz no discurso a prova de sua falta, para ser, pois aí ele e seu desejo são apenas representados. (Lemaire, idem, p. 118)

2.6 Da carta roubada ao jogo de xadrez

Assim como no jogo de xadrez, seria absurdo perguntar o que seria uma dama, um peão, um bispo ou um cavalo, considerados fora do jogo de xadrez, assim também não tem sentido, quando se considera verdadeiramente a *língua*, buscar o que é cada elemento por si

mesmo. Ele nada é além de uma peça que vale por oposição às outras, segundo certas convenções. (Saussure, 2002. p.63)

Até este ponto da nossa dissertação, tentamos contribuir com as pesquisas na interface lingüística e psicanálise, através da compreensão do movimento de deslocamento do signo lingüístico e do significante lacaniano, como movimentos que resultam em um sujeito. A partir do que foi discutido podemos apontar algumas considerações.

Começamos dizendo que, na perspectiva trabalhada, falar de sujeito como resultado do movimento do signo e do significante inclui a idéia de um significado que desliza constantemente, passando abaixo da barra do significante. Para Lacan, o fluxo de significantes e de significados é responsável por estabelecer relações entre ambos, o que nos permitiu dizer que a relação entre significado e significante não é fixa, tendo sua concretude no que Lacan chama de ponto-de-estofo, lugar onde o significante detém o deslizamento do significado e se associa a ele na cadeia discursiva, produzindo assim uma significação, um sentido.

Tomamos como ponto de partida o sistema lingüístico e seu funcionamento, através do que vem a ser sistema e os componentes que fazem parte dele, tal como o estudo das relações associativas e sintagmáticas. Privilegiamos o modo de funcionamento que permite a compreensão de como se dá a produção de sentidos na língua quando pensada como um sistema de signos, e o signo considerado elemento produtor de sentido, o que auxiliará na nossa compreensão de como se dá o que estamos chamando de deslocamento do significante lacaniano.

Com isso, o nosso olhar a partir da psicanálise lacaniana, visa a compreender os movimentos do significante, tentando mostrar como podem colaborar para uma compreensão de um sujeito efeito de linguagem. Aqui, metáfora e metonímia são elementos importantes, por serem movimentos que constituem o sujeito, pois é entre um significante e outro que o sujeito aparece.

Observando a análise do conto “A carta roubada” feita por Lacan, compreende-se que há a supremacia do significante sobre o significado, pois todos os sujeitos se mobilizam em torno da carta que circula entre eles e que, por sua vez, são enganados por suas diversas substituições, ilustrando assim o processo metafórico como constitutivo de uma posição de sujeito.

Tomando o conto de Allan Poe como ilustrativo, tentaremos mostrar a carta como um significante e a sua relação com cada sujeito, o movimento da carta provoca um significado em cada sujeito. Cada sujeito constrói, a partir do movimento da carta, um significado para si. Observaremos a fluidez dos elementos (significado, significante e sujeito) a partir da necessidade de movimento próprio à carta. A carta, por sua vez, torna-se, como afirma Lacan (2002 [1955-1956] p.248) *o inconsciente de cada um*.

Cada um dos personagens, determinados em seu agir, pela relação com a carta, nos conduz à posição de sujeito, movido à revelia pelos significantes da linguagem em relação com o inconsciente. (...)

A supremacia do significante se traduz, portanto, eletivamente, por uma *dominação do sujeito pelo significante*, que o predetermina lá mesmo onde ele crê escapar a toda determinação de uma linguagem que ele pensa controlar. (Dor, 1992, p. 45)

Sendo assim, tomaremos por base a abordagem dos movimentos do significante que circula no conto através do deslocamento tanto dos personagens quanto da própria carta. Dessa forma, tentaremos chegar ao nosso objetivo de mostrar o sujeito como resultado do movimento de significantes e, além, disso, que os movimentos de significante são movimentos de sujeito.

Assim, vamos elencando os motivos pelos quais devemos abordar neste trabalho tais mecanismos tanto na lingüística quanto na psicanálise e a necessidade de aclarar essa compreensão aproximada pela interface em questão.

No nosso percurso, tomamos a metáfora do xadrez para mostrar como se dá o funcionamento do sistema da língua do lado da lingüística e a partir desses mecanismos compreender o sujeito. Além disso, com esta idéia, tentamos contribuir com uma possibilidade de leitura da teoria saussuriana, considerando tanto a teoria publicada no CLG quanto as releituras com a publicação dos manuscritos, arriscando, aqui, dizer que os estudos saussurianos não excluem a possibilidade do sujeito.

Os movimentos de uma partida de xadrez, as leis que regem o jogo e a posição dos indivíduos diante da partida, a partir de um olhar sagaz (mérito de Saussure), permitem uma comparação com os movimentos, leis e indivíduos diante do funcionamento do sistema da língua.

A idéia de mostrar o funcionamento da língua, utilizando a metáfora do xadrez elaborada por Saussure, surgiu ao nos depararmos com as possibilidades de semelhança entre as peças existentes no jogo e os personagens que aparecem no conto escolhido, “A carta roubada”. Pensando no nosso objetivo de tomar o conto como elemento de exemplificação do deslocamento do significante e do sujeito e, sabendo da necessidade de fazê-lo na interface lingüística e psicanálise, tentaremos também compreender as personagens de Poe através dos seus movimentos como as peças no xadrez de Saussure.

O signo está destinado a mudar, por isso, há um sistema que sempre escapa ao sujeito. O sujeito atua no sistema lingüístico nas relações sintagmáticas e associativas. Para analisar os sintagmas, precisa-se das relações associativas, pois são estas que tornam possível o mecanismo da língua, daí a importância do sujeito, pois é ele quem opera limites dentro do sistema através das relações sintagmáticas. Portanto, a organização sintagmática é determinada pela escolha no paradigma, no que está à margem.

Assim também, ocorre nos movimentos do significante, quando os sentidos que interessam são aqueles que escapam à linearidade. Ao dizermos que a metáfora se trata de um movimento de linguagem que se realiza ao longo do eixo paradigmático por substituição de significantes, percebemos que esses sentidos não aparecem de imediato, mas através de associações. Na metáfora, o significante exerce seu caráter de autonomia sobre o significado e o sujeito, este é predeterminado pelo significante sem saber.

Conforme Lacan estas substituições nos remetem à ordem da linguagem e ao seu funcionamento. Assim como no conto “A carta roubada”¹⁴, os movimentos dos personagens são determinados pela circulação da carta, tomando a carta como significante e seu conteúdo como significado tais movimentos nos indicam a posição de sujeito ocupada por cada um dos personagens do conto.

Conforme Lacan (2003), no movimento dos sujeitos no conto, percebemos os momentos em que se destaca o olhar que não vê, trata-se do Rei e da polícia; um segundo olhar que vê o que o primeiro não vê e depois é enganado por aquilo que ele mesmo oculta, trata-se da Rainha e do Ministro; e um terceiro olhar que vê o que os outros deveriam esconder, trata-se do Ministro e Dupin.

¹⁴ Será feita uma melhor explanação do conto no Capítulo III. Neste segundo capítulo, os trechos são apresentados apenas para uma breve exemplificação.

Estas substituições são apresentadas no conto à medida que a carta circula, muda de lugar e “engana” os personagens. De acordo com a análise de Lacan, temos três posições, sustentadas por três sujeitos, ocupadas por personagens diferentes. Estas posições são definidas a partir do olhar de cada um e o que interessa é a maneira como esses sujeitos se alternam através do deslocamento que é determinado pela carta.

Se a idéia de compreensão de sujeito nesta interface passa pelos mecanismos de movimento de signo e significante e tais movimentos têm como resultado um efeito sujeito, nosso desafio é mostrar como isso acontece no conto, não apenas repetindo o que fez Lacan, mas partindo dele (que é mestre e às vezes parece nos deixar em xeque-mate!) e buscando ir além.

CAPÍTULO III – MOVIMENTANDO AS PEÇAS COM LACAN E SAUSSURE

3.1 Sujeito e movimento

A partir das leituras do conto “A carta roubada”, podemos perceber que alguns aspectos apresentados no conto assemelham-se a uma partida do jogo de xadrez. Pode-se pensar que, primeiramente, escolhemos trabalhar a metáfora do xadrez e posteriormente escolhemos o conto de Poe, mero engano. Como já dissemos, a leitura do conto nos levou à decisão de mostrar a língua enquanto sistema através estudos de Saussure, aproveitando da teoria do mestre genebrino as passagens referentes ao xadrez.

Quem jogaria esta partida com Saussure? Lacan. A resposta viria ao pensar nas possibilidades de trabalhar algumas implicações entre a lingüística e a psicanálise, já apontadas por Teixeira (2000) e Flores (1999), a saber, a estrutura e o sujeito.

Da teoria da psicanálise lacaniana, nossa intenção é retomar parte da análise feita por Lacan do conto “A Carta Roubada” e posteriormente mostrar através do conto, observando os movimentos de signos e significantes, um efeito sujeito, isto é, movimento da língua produzindo um efeito sujeito.

Neste terceiro capítulo trataremos da análise e das observações feitas seguindo os caminhos traçados pelos elementos do conto. A forma como as “peças” se movimentam no “jogo” (conto), como a partida é traçada e quem joga de maneira eficiente. A partir do movimento estudado teremos um efeito sujeito, advindo do movimento em questão.

Primeiramente, mostraremos parte da análise do conto apresentada por Lacan e, posteriormente, apresentaremos nossa análise baseada nos movimentos do sistema lingüístico, trazendo a nossa leitura dos movimentos da carta. Esses movimentos que estão relacionados aos personagens e os caracterizam.

Gostaríamos de destacar, mais uma vez, que não se trata de analisar o sujeito do ponto de vista do inconsciente, pois sabemos que é algo impossível em uma análise dessa natureza, mas observar os personagens como resultados do movimento da carta e percebendo, dessa forma, a relação entre sujeito e significante. Um sujeito que é determinado por um significante, sujeito que se move à sua revelia, por ser determinado por um significante, fazendo do sujeito resultado do movimento de significantes.

É pensando na movimentação da carta, no conto de Poe, que traremos Saussure, pois a partir dessa movimentação e da relação com os personagens podemos ver um movimento de linguagem, movimentos de uma cadeia linear e uma cadeia associativa, a partir do deslocamento e da associação de signos. Além disso, de acordo com a lingüística saussuriana, tentaremos recuperar o valor do signo carta e relacioná-lo a cada personagem, pois ao se deslocar, a carta também assume um valor diferente para cada personagem.

3.2 O tabuleiro do nosso jogo – Resumindo o conto “A Carta Roubada” – Allan Poe

Como já dissemos na introdução, o conto se passa na França e começa com a Rainha em seu quarto, recebendo uma carta. De repente, a Rainha é surpreendida pela entrada do Rei no quarto e tenta rapidamente esconder a carta. Logo em seguida, um de seus ministros, chamado Monsieur D., também entra nos aposentos reais e percebe a atitude da Rainha de tentar esconder a carta.

Depois de tentar em vão esconder o documento, a Rainha joga-o em cima de uma mesa e senta-se com o Ministro para discutir sobre assuntos públicos, tudo acontece sem que o Rei perceba. Após uma longa conversa, o Ministro tira de seu bolso uma carta semelhante e troca pela carta que pertence à Rainha. A substituição dos documentos acontece diante da Rainha, sem que ela nada possa fazer, ao contrário do Rei que não percebe nada.

Com a carta nas mãos do Ministro, a Rainha sente-se ameaçada, pois se o conteúdo da carta for revelado poderá comprometer a honra da Rainha. Sendo assim, esta aciona a polícia e exige que a carta seja encontrada a qualquer custo. O chefe de polícia e sua equipe vasculham todos os cantos do apartamento do Ministro, todas as possibilidades de esconderijo da carta foram devidamente revistadas, afinal, a equipe selecionada para o serviço era a melhor que havia no reino. Mesmo assim, O Chefe de polícia não consegue recuperar o documento real e procura Dupin, um investigador de muita competência.

O Chefe de polícia vai à casa de Dupin, relata toda a história e enfatiza a importância de encontrar a tal carta, pois o teor do documento em questão compromete a honra de uma pessoa da mais alta importância no reino. Dupin ouve, cuidadosamente, o relato do Chefe de polícia e logo percebe que daquela forma a polícia não encontraria a carta, pois não se tratava de um ladrão qualquer. Dupin já conhecia o Ministro e sua

astúcia, sabia que ele não esconderia a carta onde a polícia pudesse encontrá-la. Dupin também sabia que a capacidade de raciocínio do policial não daria conta da esperteza do Ministro: a polícia não acharia a carta no lugar mais óbvio, justamente onde o Ministro a esconderia.

Depois de voltar a vasculhar o apartamento do Ministro, seguindo os conselhos de Dupin, o Chefe de polícia não encontra a carta e diz a Dupin que o Ministro, com a carta na mão, há dezoito meses está conseguindo favores políticos, pelo simples fato de a Rainha saber que ele possui a carta. Já nas raias do desespero por estar com sua posição em jogo, o Chefe de polícia diz a Dupin que seria capaz de oferecer uma recompensa em dinheiro de seu próprio bolso para quem achar a carta.

Ao ouvir tais palavras, Dupin disse que o policial poderia preencher o cheque, pois a carta estava com ele. O policial surpreso, boquiaberto, pede que Dupin explique como conseguiu recuperar a carta, o que parecia quase impossível depois de tudo que a polícia havia feito. Então, Dupin contou a história do dia em que foi ao apartamento do Ministro e recuperou a carta.

Em seu relato, Dupin diz que foi uma primeira vez ao apartamento do Ministro, visualizou bem a sala e viu um documento “jogado” em cima de uma escrivaninha, perto de um porta-cartas. Tratava-se de uma carta com a aparência amassada, algo que parecia ter sido deixado de lado, uma coisa sem valor. Justamente por isso, Dupin desconfiou, pois algo sem valor deveria ser descartado e não “guardado”. Assim, conhecendo o Ministro de outras épocas, pensou que o lugar mais seguro para guardar a carta seria o que levantasse menos suspeita, ou seja, o que estivesse mais evidente. Tratou de “esquecer” um objeto pessoal na casa do Ministro para ter motivo de uma volta. Ao voltar ao apartamento, planejou uma situação que chamasse a atenção do Ministro para a forma do apartamento, com a distração do velho amigo, conseguiu ir até a escrivaninha e trocar a carta que estava largada por outra que ele levava consigo, outra de aparência semelhante a que estava roubando. Ao término da confusão na rua, o Ministro voltou a conversar com Dupin que foi embora levando a carta.

Após relatar como fez a troca das cartas, Dupin confessa que escreveu uma mensagem no interior da carta para que o Ministro soubesse quem o havia enganado, assim como ele enganou a Rainha. Dessa forma, a carta voltou a sua dona, sem que o Rei soubesse de nada.

3.3 Lacan mostra a jogada - A análise de Lacan sobre o conto “A carta roubada”: os movimentos dos sujeitos (personagens)

Em outros termos, se considerarmos esta história em seu aspecto exemplar, a carta é, para cada um, seu inconsciente. É seu inconsciente com todas as conseqüências, ou seja, a cada momento do circuito simbólico, cada qual torna-se um outro homem. (Lacan, 1985 [1955], p. 248)

Retomaremos a análise do conto “A carta roubada” feita por Lacan, não de maneira total, pois nos deteremos aos movimentos do significante e, conseqüentemente, no efeito sujeito provocado por esses movimentos, como é mostrado em determinada parte da análise. Apesar de a análise lacaniana ser utilizada para apontar, ilustrar elementos diversos da psicanálise, nosso interesse é a questão do sujeito enquanto resultado do movimento de significantes, as diversas posições-sujeito ocupadas pelos personagens e como esses movimentos caracterizam esses sujeitos. Isso é o que interessa ao nosso trabalho.

Em *O Seminário. Livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Lacan (1985) retoma o conto de Poe para mostrar, entre outras coisas, a primazia do significante sobre o significado. Devemos observar, primordialmente, no conto, a movimentação de uma carta que circula e de personagens que circulam em torno dela.

A carta também seria um personagem e aparece na perspectiva de Lacan como um sujeito inicial, um radical, no qual todos os personagens ficarão presos. Ao terem contato com a carta, os personagens são empurrados por algo que os domina e os arrasta. Sendo assim, a cada movimento da carta, independentemente de quem sejam, os personagens serão definidos tomando como referência a sua posição em relação ao personagem inicial, isto é, a carta. A carta seria o inconsciente de cada um, pois é a partir dela que os personagens se movem, de acordo com as leis estabelecidas pelo movimento próprio à carta. É na necessidade do movimento que os personagens se tornarão, no decorrer das cenas, *funcionalmente diferente em relação à realidade essencial que ela constitui*. (Lacan, 1985 [1955], p. 248)

Conforme Lacan (1985) a carta seria uma espécie de presença-ausência, pois ao mudar de lugar ela deixa de ser o que era antes. Por exemplo, nas mãos da Rainha, para quem a carta estava endereçada, seria um documento impúblicável por comprometer a honra desse personagem. Ao passar para as mãos do Ministro, a carta torna-se instrumento de poder, meio de obter poder diante da ameaça de tornar público o documento secreto. Se pensarmos a carta nas mãos de Dupin, ela torna-se a forma de dar ao Ministro uma lição, vingar-se de algo ocorrido no passado entre Dupin e o Ministro.

Nas palavras de Lacan (idem [1955] , p. 250) temos:

Ela está aí, dissimulada numa espécie de presença-ausência. Ela está aí, mas não está aí, ela só está aí em seu valor próprio, em relação a tudo que ela ameaça, a tudo o que ela viola, a tudo que ela escarnece, a tudo o que ela põe em perigo ou em suspenso.

Esta carta, que não tem o mesmo sentido em todo lugar, é uma verdade que não convém publicar. Assim que ela passa para o bolso do ministro, ela não é mais o que era antes, seja lá o que for que tenha sido.

Destacamos as duas cenas da substituição da carta, apontadas por Lacan: a 1ª cena em que aparecem a Rainha, o Ministro e o Rei, na qual a Rainha é roubada pelo Ministro e o Rei nada vê. Na 2ª cena o Ministro é roubado por Dupin e a Rainha sabe.

Na interpretação do conto feita por Lacan, consideremos a carta como o significante e seu conteúdo como significado. Atentemos para o fato de o conteúdo da carta não ter sido revelado em nenhum momento no conto, mas, mesmo assim, mobiliza todos os personagens a sua procura. Essa mobilização do sujeito provocada pelo significante nos aponta uma supremacia do significante sobre o sujeito. Os personagens são enganados pelas substituições. Podemos observar que o mesmo significante – *carta* - desliza pelos diversos *significados*, de acordo com a posição assumida pelos sujeitos, no conto.

O que nos interessa hoje é a maneira como os sujeitos se revezam em seu deslocamento no decorrer da repetição intersubjetiva.

Veremos que seu deslocamento é determinado pelo lugar que vem a ocupar em seu trio esse significante puro que é a carta roubada. (Lacan, 1996 [1957], p. 18)

Nesta parte da interpretação lacaniana podemos observar que o significante carta circula tanto para aqueles que sabem de sua existência quanto para os que não a viram. Temos assim uma exemplificação metafórica do que seria o inconsciente, isto é, *algo que está sempre aí, mas também e ao mesmo tempo, sempre alhures* (Dor, 1992, p.45).

As substituições da carta remetem-nos aos movimentos de linguagem, visto que estes movimentos são ancorados nas substituições de significantes e esses significantes movem os sujeitos à sua revelia, ocupando diferentes posições-sujeito. Esses movimentos são os chamados processos de metáfora e metonímia que atestam o caráter primordial do significante, ou seja, a sua primazia sobre o sujeito.

Esses movimentos, metáfora e metonímia, são responsáveis pela autonomia do significante, ou ainda de acordo com Lemaire (1989) *pela supremacia do significante na linguagem*. Lacan aproxima esses mecanismos da linguagem aos mecanismos de formação do inconsciente¹⁵.

O conto se desenrola ao redor de um personagem central, um significante maior que é a carta, e, também, a partir de um jogo de substituições que propulsiona a ação e está centralizado nos diferentes lugares que esse significante vem ocupar na cadeia significante, ou seja, na relação que estabelece com os outros significantes da cadeia.

Sendo assim, a posição de cada personagem é determinada pela movimentação da carta, que é o significante maior, e ao se deslocar movimenta os sujeitos conforme a sua “vontade”, isto é, os sujeitos são arrastados pelo movimento da carta, seguindo os passos da própria carta e não os passos que eles pensam determinar. Podemos dizer que *o sujeito é movido à revelia pelos significantes da linguagem em relação com o inconsciente*. (Dor, 1992, p.45)

O significante domina o sujeito no lugar onde este pensa escapar à linguagem, já que o sujeito acredita poder controlar a linguagem. Com isso, dizemos que a metáfora é produtora de sentido, sentido produzido onde parece não haver sentido. É na metáfora que o significante predetermina o sujeito sem que o sujeito saiba. O sujeito se move a partir do significante e só existe entre significantes. Essa emergência do sujeito é

¹⁵ O Capítulo II trata dos processos metafóricos e metonímicos.

confirmada nos movimentos da estrutura do inconsciente, de acordo com Lacan, a metáfora e a metonímia.

Para esse movimento significante, não importa o conteúdo da carta, mas, sim, quem a detém. A movimentação da carta possibilita ao sujeito uma referência desejável e ao mesmo tempo destruidora. Tais referências são possíveis porque mesmo não tendo o conteúdo publicado, todos os personagens presumem do que se trata a carta. Contudo, repetimos, o que importa não é saber o conteúdo do documento em questão, mas apropriar-se dele, assim temos uma metáfora da posição-sujeito, sujeito que tem o poder de distribuir sentidos, pois, é pelo referencial de quem detém a carta que podemos presumir o efeito que a carta causará nos outros personagens.

Neste momento de seu ensino, Lacan apresenta uma concepção de linguagem por meio do significante, não distinguindo significante de letra, pois o que ele quer destacar é o caráter não meramente comunicacional da linguagem, mas a dimensão do significante e sua supremacia em relação ao significado..

Sendo assim, gostaríamos de enfatizar que não trataremos de outro momento de Lacan¹⁶ relativo ao estudo do conto “A carta roubada”, pois, como já dissemos no decorrer do trabalho, o que interessa para nossa dissertação é somente a relação entre significante e sujeito, ou ainda, os movimentos de significante e o efeito sujeito resultante dos movimentos.

3.4 A nossa visão da partida

3.4.1. A jogada de Saussure

Para colaborar com a análise de Lacan, apresentaremos, aqui, a nossa parte da análise do conto em questão. Analisaremos os movimentos dos personagens e da carta como movimentos semelhantes aos movimentos do signo pensados por Saussure.

Iniciamos nossa análise separando personagem por personagem e observando qual a relação que cada um deles tem com a carta, pois é a possibilidade de ter a carta, a posse da carta, a necessidade de encontrar a carta é que move todos os personagens do conto. Desse modo, poderemos delinear os movimentos da carta relacionados a cada um dos personagens e o que tais movimentos podem acarretar.

Tomaremos o movimento da carta para exemplificar o movimento do signo dentro do sistema lingüístico, fazendo assim referência aos movimentos das cadeias

¹⁶ Para aprofundar os estudos sobre “A carta roubada”, sugerimos ver Seminário 18: *De um discurso que não fosse semblante*. Este seminário não será abordado por nós neste trabalho.

sintagmáticas e associativas. Além disso, observaremos o valor carta em várias passagens do conto, buscando mostrar o valor da carta para cada um dos personagens.

Relação Rainha-carta

Na cena inicial, a Rainha encontra-se em seus aposentos e está lendo uma carta. Subitamente é surpreendida pela presença de uma pessoa, no caso, o Ministro G, e rapidamente tenta esconder a carta numa gaveta. Ao perceber que sua tentativa de esconder a carta seria em vão, joga o documento em cima de uma mesa, não deixando visível o conteúdo da carta, apenas o seu sobrescrito. Recebe o Ministro em seu quarto onde tratam sobre assuntos públicos e depois de algum tempo, o ministro retira do bolso uma carta parecida, coloca-a em cima da mesa. Após quinze minutos, o Ministro pega a carta que não lhe pertencia, deixando a outra sobre a mesa. A Rainha assiste a tudo passivamente, pois não quer chamar a atenção do Rei, que está ao seu lado.

Traçando uma seqüência linear que vai desde a posse da carta pela Rainha até a sua perda, temos o seguinte movimento:

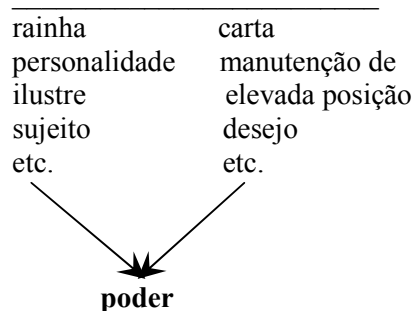
carta → receber → ler → interrompida → tentar esconder → abandonar a carta → ver a substituição → a carta é roubada → poder .

A exibição desse documento a uma terceira pessoa, cujo nome não mencionarei, comprometeria a honra de uma personalidade de mais alta posição, e tal fato concede à pessoa que possui o documento ascendência sobre essa personalidade ilustre, cuja honra e tranqüilidade se acham, assim, ameaçadas. (Poe, 1981, p. 213)

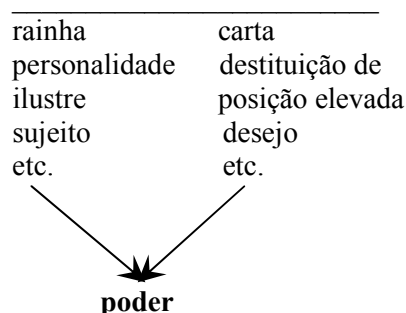
A partir da fala do Delegado de polícia citada acima, percebemos que a Rainha teme em relação à descoberta do conteúdo da carta, pois corre o risco de perder seu trono e ser ridicularizada diante do reino. Teme, também, por seu esposo, que ele veja a carta; poderíamos supor que, provavelmente, a carta seria a prova de uma traição.

Pensando na posse e na perda da carta pela personagem Rainha, podemos estabelecer algumas possibilidades de uma relação associativa entre os elementos que circulam no conto.

Personagem → posse da carta



Personagem → perda da carta



A posse da carta para a Rainha representa a manutenção de sua posição elevada, do seu posto soberano, já a perda da carta representa justamente o contrário. O nervosismo da Rainha, o interesse em esconder o documento de seu esposo e o desespero apresentado pela personagem com o passar do tempo e as investidas frustradas de resgatar a carta, demonstram que independentemente de sabermos o conteúdo da carta, a sua permanência nas mãos do Ministro, ameaçava a honra da Rainha, representando perda de poder uma vez que teria de ceder às exigências do usurpador.

Relação Ministro-carta

O Ministro surpreende a Rainha ao chegar aos aposentos reais. Percebe o nervosismo da Rainha ao tentar esconder a carta e com um olhar astuto, vê a carta e reconhece o sobrescrito. Substitui a carta em questão por outra similar e a leva para seu apartamento. Mantém o documento em seu poder durante algum tempo, até ser desmascarado por outro personagem, Dupin.

Pensando no percurso da carta em relação ao Ministro, partindo do momento em que ele a vê nas mãos da Rainha até chegar as suas mãos, podemos pensar no seguinte movimento linear:

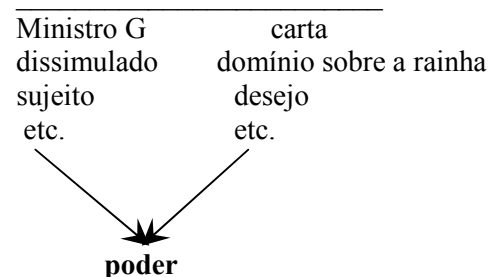
ver carta → ler carta falsa → põe carta falsa sobre a mesa → rouba a carta verdadeira → poder .

O ministro rouba a carta na presença da rainha e a mantém em seu poder, não faz ameaças, nem a devolve, o que parece demonstrar que enquanto estiver com ela, manterá a rainha refém de suas vontades. Então, para o ministro, é melhor manter a carta escondida, pressionar a rainha, e assim conseguir o que ambiciona.

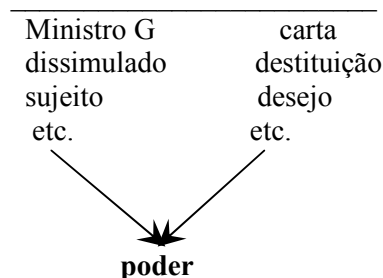
(...) o poder conseguido dessa maneira tem sido empregado, há vários meses para fins políticos, até um ponto muito perigoso. (...) Está claro (...) que a carta se encontra ainda em poder do ministro, pois é a posse da carta, e não qualquer emprego da mesma que lhe confere poder. Se ele a usar, o poder se dissipa. (Poe, 1981, p. 214)

Pensando nas atitudes do Ministro de roubar a carta e mantê-la em seu poder, podemos estabelecer algumas possibilidades de associações:

Personagem → posse da carta



Personagem → perda da carta



Ao roubar a carta, o Ministro passa a ter certo domínio sobre a Rainha, conseguindo tudo o que quer, expandindo seu poder. Não é interessante para o Ministro tornar público ou até mesmo mostrar ao Rei o documento roubado, pois, se chegasse a fazer isso, não teria como chantagear a Rainha. O Ministro não precisou em nenhum momento usar a carta, somente o fato de a Rainha saber com quem estava a carta era suficiente para mantê-la a mercê das vontades do usurpador. Assim, para esse personagem, a posse da carta também representaria poder, neste caso, uma expansão de chefia dentro de um governo. Já a perda do documento representaria, conseqüentemente, a perda do poder conquistado, visto que a Rainha não teria mais o que temer.

Relação Polícia-carta

O chefe da polícia parisiense é chamado pela Rainha para recuperar a carta. Como a autoridade roubada sabe quem é o ladrão em questão, passa a informação para a polícia que se encarrega de tomar todas as providências para que a carta seja encontrada o mais rápido possível. Após vasculhar todo o apartamento do Ministro (lugar onde a polícia presumia estar a carta), observar cada canto minuciosamente, utilizar todas as técnicas possíveis e imagináveis para achar o documento, acaba com as expectativas frustradas, pois não consegue de modo algum achar a carta. Com isso, o delegado oferece a outro investigador uma recompensa pelo resgate da carta, o que acaba acontecendo e confirmando que os métodos da polícia não são tão eficientes assim, fato este que causa frustração no delegado.

Observando o trajeto feito pela carta antes de ser encontrada, relacionando às atitudes da polícia, temos o seguinte movimento:

chamado da Rainha → examinar → vasculhar → observar → tentar achar a carta → recompensar → falhar → poder .

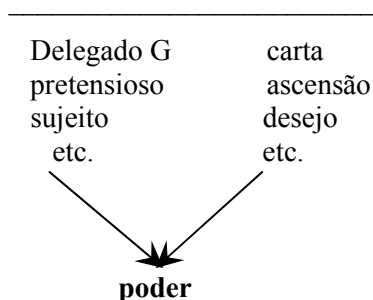
Durante três meses, não houve uma noite sequer em que eu não me empenhasse, pessoalmente, em esquadrinhar o Hotel D... Minha honra está em jogo e, para mencionar um grande segredo, a recompensa é enorme. De modo que não abandonarei as pesquisas enquanto não me convencer inteiramente de que o ladrão é mais

astuto do que eu. Creio haver investigado todos os cantos e esconderijos em que o papel pudesse estar oculto. (Poe, 1981, p. 215)

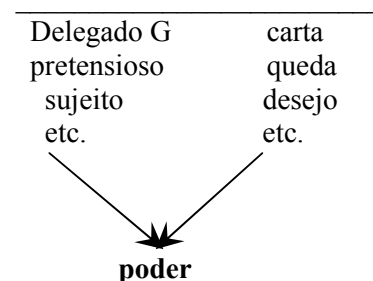
O delegado (fala acima) tem a tarefa de encontrar a carta e manter seu prestígio junto à rainha, mas devido a sua pretensão por subestimar a inteligência do ministro, por achar que suas ações são previsíveis e que ele não guardaria a carta em um lugar óbvio, como realmente o fez, além de não conhecer a capacidade intelectual do ministro, não consegue encontrar a carta. Segundo o personagem Dupin: *O chefe de polícia e seus auxiliares falham com tanta freqüência (...) por medirem mal, ou antes, por não medirem, o intelecto com o qual estão em competição.* (Poe, 1981, p. 222)

Sabendo da importância para o delegado de polícia de encontrar a carta e devolvê-la à Rainha, podemos estabelecer algumas possibilidades de associações:

Personagem → posse da carta



Personagem → perda da carta



A inteligência, a eficácia, a competência, todos estes valores da polícia são postos em xeque a partir do momento em que lhe é dada uma tarefa e ela não consegue

executá-la, ou seja, não encontra a carta. Neste caso, a carta representaria para o delegado uma destituição de poder. O quadro será revertido quando o chefe da polícia, já sem esperanças e duvidando que pudesse ter cometido alguma falha, procura o investigador Dupin e lhe oferece uma pomposa recompensa. Finalmente, o Delegado G consegue pôr as mãos na carta e manter seu cargo de confiança. Aqui também, assim como para a Rainha, a posse da carta representa uma segurança, uma manutenção de poder, como também, a perda da carta, representa a perda de poder.

Relação Dupin-carta

Após várias tentativas fracassadas, o Delegado G recorre a Dupin. Ao que parece, pela leitura do texto, Dupin é um experiente investigador e seria capaz de encontrar a carta roubada.

Dupin ouve a história contada pelo delegado sobre o roubo da carta, as características do documento e a importância de recuperá-la o mais rápido possível. Ao saber quem era o ladrão da carta e dos métodos utilizados pela polícia, logo entendeu o porquê do fracasso do Delegado G e sua equipe.

Para Dupin, Monsieur G não passava de um ser desprezível, pretensioso e chegava a ser cômica a sua idiotice ao tratar o caso. Mesmo assim, aconselhou que o Delegado voltasse ao apartamento do Ministro, procurasse a carta mais uma vez, mesmo suspeitando que a polícia não teria êxito.

Na última visita de Monsieur G a Dupin, o delegado oferece uma recompensa ao investigador. Ao saber do dinheiro, Dupin pede que o chefe da polícia assine o cheque, pois a carta já está com ele. Neste momento, Dupin conta como fez para recuperar a carta de maneira rápida e antes da polícia.

Observando a trajetória da carta em relação a Dupin, percebemos que a sequência em que os fatos relacionados à dupla carta-Dupin aparecem no conto de maneira contrária. Vejamos os seguintes movimentos:

Recebe a recompensa → entrega a carta → engana o ministro → recupera a carta → poder.

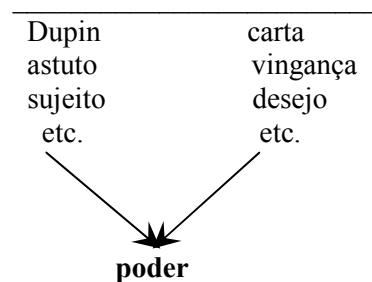
Para Dupin, encontrar a carta é questão de honra, pois pretende “vingar” um episódio do passado. Dupin lembra de uma divergência ocorrida entre ele e o Ministro

D, mostrando que já conhecia aquele homem e sabia do que ele é capaz. A pendência entre os dois personagens pode ser demonstrada com esta passagem do texto: *Certa vez, em Viena, D_____ me fez passar um mau pedaço, e eu lhe disse, de forma bem-humorada, que não iria me esquecer.* (Poe, 1981, p. 231) Ao contrário do agente de polícia, conhece bem seu adversário e suas facetas, como confirmamos nesta passagem do texto:

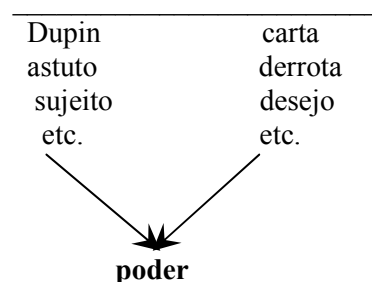
As medidas adotadas por ele foram não somente as melhores de que se dispunha, mas foram executadas com absoluta perfeição. Se a carta tivesse sido depositada dentro do âmbito abrangido pela busca, esses camaradas a teriam encontrado, sem a menor dúvida... Acontece que as medidas – continuou ele- foram boas em si mesmas e perfeitamente bem executadas: seu único defeito estava em que não eram aplicáveis nem à situação, nem ao homem. (idem, p. 21)

Sabendo da existência de algo do passado que não ficou bem resolvido entre Dupin e o Ministro G e a situação que se apresentava para o investigador, podemos estabelecer algumas possibilidades de associações:

Personagem → posse da carta



Personagem → perda da carta



Motivado por saber que “lutaria” contra o Ministro, com quem tem contas a acertar, encontrar a carta não representaria apenas ganhar uma recompensa em dinheiro oferecida pela polícia, mas uma vitória particular, uma “doce vingança.” Desse modo, Dupin não mediu esforços para recuperar a carta. E nem precisou de tanto esforço, visto que Dupin já conhecia muito bem o seu adversário, apenas colou-se no lugar do Ministro e pensou qual o local mais seguro para esconder o documento em questão. Descobriu assim, que a carta, na verdade, não estava escondida, mas esteve sempre à mostra, sendo esta a melhor forma de despistar aqueles que a procuravam, exceto Dupin, devido a sua astúcia e raciocínio preciso, conseguiu desvendar o “esconderijo” da carta roubada e devolvê-la a quem pertencia.

Após observar os movimentos feitos pela carta, notamos que tanto na cadeia sintagmática, ou seja, na linearidade, quanto na relação associativa, os elementos surgem na perspectiva direcionada pelo significante poder. Os personagens buscam a posse da carta, estão sempre enganando uns aos outros para que o documento seja roubado. A posição ocupada pelo personagem que possui a carta designa quem está com o poder e, conseqüentemente, quem o perderá.

Percebemos que a relação dos personagens do conto com a carta ocorre de maneira diferente, por isso a análise separada dos movimentos de cada personagem e, a partir daí, observamos como acontecem os movimentos da carta relacionada a cada um dos personagens.

As relações lineares, isto é, as cadeias construídas com os movimentos da carta relacionada aos personagens, revelam movimentos semelhantes aos signos na relação sintagmática, conforme estudadas por Saussure e, ao mesmo tempo, lembram uma cadeia metonímica, como apresentada por Lacan. Tais cadeias sintagmáticas estão limitadas pelos elementos relacionados ao significante poder, a combinação dos elementos é feita levando-se em consideração a referência ao significante poder e limitada dentro das possibilidades de ação, ou seja, de movimento de cada um.

As relações associativas estabelecidas, tendo como referência a carta relacionada aos personagens do conto, também nos mostram que, no desencadear das associações, a cadeia desemboca sempre no poder, isto é, a perda ou a posse da carta representa poder para algum dos personagens.

Podemos dizer que o significante poder parece influenciar, de maneira distinta, cada personagem do conto, representando para cada um deles uma metáfora diferente,

isto é, para cada personagem, a relação com a carta cria, através do poder, um efeito diferente.

No conto de Poe, os personagens se movimentam no intuito de encontrar a carta ou manter a sua posse (caso do Ministro). Associando tal movimentação ao jogo de xadrez, ou melhor, às metáforas do jogo de xadrez apresentadas por Saussure, podemos elencar algumas considerações. Vejamos.

Os movimentos dos personagens são limitados, assim como no jogo de xadrez, só podem atuar em espaço e momento determinados. O Ministro inicia toda a trama, uma cadeia de substituições, a partir do momento que rouba a carta e deixa um documento similar em seu lugar. A polícia, mesmo com toda a liberdade de movimento permitida pela posição ocupada, não consegue encerrar o jogo, isto é, encontrar a carta. Já Dupin, mesmo sem toda a possível mobilidade da polícia, mas podendo atuar no mesmo espaço e ainda, por conhecer as artimanhas do adversário, movimenta-se de maneira eficiente e consegue “vencer” o Ministro.

O jogo de achar e esconder a carta também possui regras, assim como os movimentos do sistema da língua, como o jogo de xadrez. Regras não determinadas pelos personagens, mas que preexistem a eles, e são essas regras que promovem e permitem a atuação, os movimentos dos personagens dentro do conto. Os personagens devem movimentar-se de acordo com o espaço e as possibilidades que lhes são apresentadas, movimentos de signos percebidos nos esquemas mostrados no item anterior, tanto em uma cadeia linear quanto em uma cadeia de não-linear.

A carta move os personagens, do mesmo modo que o desejo, representado pelo S^1 , move os sujeitos e desenvolve uma cadeia de significantes, como vimos que ocorre na metáfora e na metonímia, movimento este que serve de base fundamental para o processo metafórico, como foi dito no capítulo II.

3.5 O valor da carta

Cada vez que emprego a palavra *Senhores*, eu lhe renovo a matéria; é um novo ato fônico e um novo ato psicológico. O vínculo entre os dois empregos da mesma palavra não se baseia nem na identidade material nem na exata semelhança de sentido, mas em elementos que cumprirá investigar e que nos farão chegar bem perto da

verdadeira natureza das unidades lingüísticas. (Saussure, 1996, p.126-127)

Pensando na psicanálise lacaniana, especificamente na movimentação do significante que se dá em uma cadeia, significante este que não significa por si só, mas remete a outro significante, lembramos do conceito de valor do signo apresentado por Saussure, visto que o significante não tem valor em si mesmo, mas pela oposição aos outros significantes, assim como os signos no sistema lingüístico.

Diante de toda essa movimentação dos personagens em busca da carta, acredita-se que a carta está revestida de um valor para cada um deles, valor que implica poder, seja de perda ou ganho. O valor da carta que se dá em presença-ausência, pois ao mudar de mãos, a carta também muda de valor, terá um valor diferente para cada personagem.

Segundo Normand (2009) o termo valor supõe a existência de uma relação, pois ao utilizar o termo valor subteme-se a equivalência entre coisas de ordem diferentes, isto é, um significado e um significante.

A questão do valor é nuclear para os estudos saussurianos, aparece no CLG a partir da metáfora do xadrez (como vimos no capítulo I), valor este que é sustentado pelas relações com os outros elementos. Assim, um signo isolado perde sua realidade de signo, pois está fora do sistema da língua.

Baseado no que disse Saussure sobre o valor do signo lingüístico, passemos, pois, a analisar alguns fragmentos do conto “A carta roubada”, tentando observar o emprego da palavra “carta” em momentos diferentes do conto.

Veremos, neste primeiro momento, os trechos selecionados que se referem às atitudes do chefe de polícia contratado pela rainha para recuperar a carta roubada pelo Ministro. Vejamos o primeiro destaque da fala desse personagem.

1) “(...) e o poder assim obtido vem sendo usado há vários meses para a obtenção de resultados políticos, tendo chegado a um ponto muito perigoso. A personagem roubada está inteiramente convencida, e tem mais certeza disto a cada dia que passa, da necessidade de recuperar sua **carta**. Mas isto, naturalmente não pode ser feito às

claras. Finalmente, levada ao desespero, ela me confidenciou o assunto.” (Poe, 1981. p.214)

Em 1, o chefe de polícia conta ao investigador Dupin sobre o roubo da carta e o que essa atitude pode acarretar para outro personagem, a rainha. Neste momento, o policial tem apenas mais uma missão, achar a carta e devolvê-la. Para ser um chefe de polícia real, suponhamos que tal personagem tenha bastante experiência e seja eficiente. Assim, buscar a carta seria um trabalho a ser executado por ele e sua equipe, não caracterizando, até então, ameaça à perda de seu posto. Então, neste primeiro momento, tomamos a carta como caracterizador de trabalho a ser feito, sem danos ao policial, pois este é um profissional experiente e achar a carta é questão de honra para ele.

2) - (...) *A **carta** não se encontra no prédio, como vocês presumiram.*

- É disso que tenho medo – disse o chefe de polícia. – E agora, Dupin, o que você me aconselha a fazer?

- Examinar novamente todos os aposentos com o maior cuidado.

*- Mas isso é absolutamente desnecessário – replicou G____. – Tão seguramente como estou respirando agora, tenho absoluta certeza de que a **carta** não se encontra na mansão. (Poe, 1981, p. 218)*

Seguindo no conto, o chefe de polícia volta a revistar a casa do Ministro (o ladrão da carta) e mais uma vez não a encontra. Pela segunda vez, o comissário recorre a Dupin, está mais aflito, tão desesperado que oferece dinheiro do próprio bolso para àquele que encontrar a carta, teme, mais do que nunca, a perda do seu emprego. Vejamos um outro trecho do conto:

3) - *De quanto é a recompensa oferecida de que você falou? – perguntou Dupin.*

*- Ora, uma quantia muito grande – uma recompensa de grande liberalidade -, não gosto de dizer quanto é, precisamente; mas uma coisa eu posso dizer, uma coisa eu direi; não me importaria de assinar um cheque meu particular, no valor de cinqüenta mil francos em nome de qualquer pessoa que me entregasse aquela **carta**. O fato é, está se tornando cada vez mais importante a cada dia que passa e, recentemente, a recompensa foi dobrada. Mas mesmo que fosse triplicada, eu não poderia mais fazer do que já fiz. (Poe, 1981, p. 219)*

Percebe-se através da leitura desse terceiro fragmento, que o policial, agora sim, sente-se ameaçado por não encontrar a carta, isto é, por não conseguir executar o que lhe foi determinado pela rainha. Aqui, a carta (o não encontrar a carta) passa a figurar como um elemento de derrota, de perda de cargo (emprego), incompetência por parte do policial e fracasso diante da rainha, um verdadeiro *embaraço*, como poderemos acompanhar o trecho a seguir.

4) - *Porém – disse o chefe de polícia, um tanto desapontado. – Eu estou perfeitamente disposto a consultar alguém e também a pagar pelo conselho que me der desde que me tire do embaraço em que me encontro. Eu realmente daria cinquenta mil francos a qualquer pessoa que me ajudasse a resolver este problema.*

*- Nesse caso – replicou Dupin, abrindo uma gaveta e retirando um talão de cheques -, o senhor pode perfeitamente preencher um cheque em meu nome no valor da importância mencionada. Assim que o senhor tiver assinado, eu lhe entregarei a **carta**.*

Eu estava estupefato. O comissário parecia ter sido atingido por um raio. Por alguns minutos, ele permaneceu sem fala e imóvel, com a boca entreaberta e os olhos dando a impressão de que estavam a ponto de pular das órbitas.

*(...) Este último(Dupin) examinou-o cuidadosamente e o depositou em sua carteira; então, destrancando sua escrritoire, retirou dela uma **carta**, que entregou ao chefe de polícia. Este funcionário agarrou-a, com uma expressão de felicidade que chegava às raízes da agonia, abriu-a com mãos trêmulas, lançou um rápido olhar em seu conteúdo e, depois, erguendo-se com dificuldade e atrapalhando-se com os próprios pés, correu até a porta, saindo apressadamente e sem a menor cerimônia da sala e da casa, sem ter balbuciado uma única sílaba desde o momento em que Dupin lhe solicitou que preenchesse o cheque. (Poe, 1981, p.220)*

Finalmente, no quarto fragmento, destacamos a observação do narrador à atitude do policial ao receber a carta: este último parece não acreditar no que via, pois quando não tinha mais esperanças em localizar o importante documento, eis que a carta aparece na sua frente com num passe de mágica, encontrada pelo astuto Dupin. Assim, a carta (o encontrar a carta) passa a figurar como a redenção do comissário de polícia, a possibilidade de não mais perder sua posição e nem a confiança da Rainha, ou seja, manter-se-ia no poder. Podemos mensurar a importância do poder da carta nas mãos do

policial pela descrição feita pelo narrador; o fato de ele emudecer, de ficar trêmulo, de chegar às *raias da agonia* de tanta felicidade, confirmam que a posse da carta lhe garantia sua permanência no poder, em sua posição de destaque, de pessoa de confiança da Rainha.

Quanto à Rainha, vejamos o valor da carta para o personagem régio que, mais do que todos os outros, precisa recuperar o importante documento e manter a sua honra, como nos diz o próprio policial. Vejamos os trechos analisados referentes à Rainha.

1) *O roubo foi cometido de modo não só engenhoso como ousado. O documento em questão... uma **carta**, para sermos francos, foi recebida pela personalidade roubada quando esta se encontrava a sós em seus aposentos. Quando a lia, foi subitamente interrompida pela entrada de outra personalidade de elevada posição, de quem desejava particularmente ocultar a **carta**.* (idem, p. 213-214)

Na primeira cena de substituição da carta no conto, a Rainha não quer que o Rei veja a carta e tenta escondê-la. Tentativa vã, pois o Rei entra subitamente em seus aposentos seguido do Ministro D. Porém, a carta ainda permanece em poder da Rainha e enquanto o documento estiver com ela, a Rainha estará segura. Aqui, o valor da carta compreende uma segurança para o personagem real, a segurança de não ver revelado algo comprometedor da sua honra. Neste momento, a Rainha detém o poder.

Contudo, na seqüência da cena temos a entrada do Ministro que nota o nervosismo da Rainha e logo percebe que aquele documento trata-se de algo importante. Assim, vejamos:

2) *Após tentar às pressas, e em vão, metê-la numa gaveta, foi obrigada a colocá-la aberta como estava sobre uma mesa. O sobrescrito, porém, estava em cima e o conteúdo, por conseguinte, ficou resguardado. Nesse momento, entra o Ministro D... Seus olhos de lince percebem imediatamente a carta, e ele reconhece a letra do sobrescrito, observa a confusão da destinatária e penetra em seu segredo. (...) Por fim, ao retirar-se, tira de cima da mesa a **carta** que não lhe pertencia.* (Poe, 1981, p. 214)

Após surpreender a Rainha tentando esconder a carta, o Ministro senta-se com ela, trata de alguns assuntos e troca a carta verdadeira por uma carta similar. Toda a ação foi vista pela Rainha que nada pôde fazer para não chamar a atenção do Rei. No

segundo momento, com a carta nas mãos do Ministro, o valor para a Rainha representa uma ameaça a tudo que ela julgava estar seguro. O ministro, ao roubar a carta, põe em risco a segurança da posição da Rainha, neste caso, o poder muda de mãos.

Por ser uma personalidade de elevada posição e agora ameaçada, o personagem real não deixaria que as coisas continuassem no comando do Ministro, pois só o fato de possuir a carta já dava a ele o domínio da situação. Sendo assim, a Rainha usou dos meios que tinha para tentar achar o tal documento, isto é, chamou a polícia real. Porém, esta polícia não consegue localizar a carta e procura aconselhar-se com Dupin, um experiente investigador. Este, sim, consegue localizar a carta, como podemos observar no trecho 3:

3) *Fiquei perplexo. O delegado parecia fulminado por um raio. Durante alguns minutos, permaneceu mudo e imóvel, olhando, incrédulo e boquiaberto, o meu amigo, com os olhos quase a saltar-lhe das órbitas. Depois, parecendo voltar, de certo modo, a si, apanhou uma caneta e, após várias pausas e olhares vagos, preencheu finalmente um cheque de cinqüenta mil francos, entregando-o por cima da mesa, a Dupin. Este examinou cuidadosamente e o colocou na carteira; depois, abrindo uma escrivaninha tirou dela uma **carta** e entregou-a ao delegado de polícia.* (Poe, 1981, p.220)

Nas palavras do narrador citadas acima, temos a devolução da carta para a polícia que, por sua vez, devolverá a carta a Rainha. Quando Dupin entrega a carta ao delegado, o valor da carta para a Rainha é de retomada de poder: o poder que volta ao lugar real. Observa-se que mesmo a Rainha não estando presente na cena, o deslocamento da carta que segue o trajeto Ministro – Dupin - Polícia interfere na posição da Rainha.

Dupin é o personagem que consegue desvendar o esconderijo da carta. Conhece o Ministro D. de longa data e entra na história para fazer o que seria dever da polícia. Assim, também participa faz a carta circular. Vejamos a participação de Dupin e o valor da carta para ele.

Dupin, ao saber que o ladrão da carta é o Ministro D. e ao ouvir as declarações da polícia, logo percebe que aquele homem seria incapaz de achar o documento em questão, pois conhecia a astúcia do Ministro. O valor da carta para Dupin, aqui, traz a possibilidade de “dar o troco” por algo que aconteceu no passado entre os dois e que fica subtendido no final do conto.

1) – *Nesse caso – respondeu Dupin, abrindo uma gaveta e retirando um livro de cheques – pode encher um cheque nessa quantia. Quando houver assinado, eu lhe entregarei a **carta**.* (Poe, 1981, p. 220)

A certeza de que Dupin recuperara a carta institui para este personagem uma recompensa que não se traduz apenas no dinheiro oferecido pela polícia, mas como já dissemos, numa recompensa maior, uma realização pessoal ao prejudicar o Ministro D.

2) *“Por fim, meus olhos, ao percorrer o aposento, depararam com um vistoso porta-cartas de papelão filigranado (...). Nesse porta-cartas (...) havia uma carta solitária. Esta última estava muito suja e amarrotada e quase rasgada ao meio, como se alguém, num primeiro impulso, houvesse pensado em inutilizá-la como coisa sem importância, mas, depois, mudado de opinião. (...) Mal lancei os olhos sobre a **carta**, conclui que era aquela que eu procurava. “ (Poe, 1981, p. 228-229)*
*(...) aproximei-se do porta-cartas, apanhei o **documento**, meti-o no bolso e o substituí por um fac-símile (quanto ao que se referia ao aspecto exterior).* (Idem, p. 230)

Dupin vai pela segunda vez ao apartamento do Ministro e o distrai com um acontecimento no meio da rua. Substitui a carta levando consigo aquela que pertence à Rainha. Ao desvendar o mistério da carta roubada, a carta tem para Dupin o valor da vingança, de finalmente ter acertado as contas com o Ministro D.

O desenrolar da história inicia com o roubo da carta pelo Ministro D., na presença da Rainha que tentava esconder a carta do Rei.

1) *Nesse momento, entra o Ministro D... Seus olhos de lince percebem imediatamente a carta, e ele reconhece a letra do sobrescrito, observa a confusão da destinatária e penetra em seu segredo. (...) Por fim, ao retirar-se, tira de cima da mesa a **carta** que não lhe pertencia.* (idem, p. 214)

Na primeira cena de substituição da carta “os olhos de lince “ do Ministro D percebem o embaraço da Rainha, nota a importância daquele documento e o desejo da Rainha de ocultá-lo. Nesse momento, para o Ministro, a carta representa uma possibilidade de obter poder e efetua a troca dos documentos.

Na seqüência da cena, ao apoderar-se da carta, esta passa a representar para o Ministro que ele tem poder sobre a Rainha, o valor da carta para este personagem compreende conseguir tudo o que quer, pois a Rainha sabe quem é o ladrão do importante documento. E é isso mesmo que ele faz, mantém a carta em seu poder, deixando a Rainha submissa às suas vontades.

Na segunda cena de substituição, ou seja, quando Dupin recupera a carta (trecho já citado) , o valor da carta para o Ministro é de perda de poder, ele não pode mais ameaçar a Rainha, pois também foi roubado. Nesse deslocamento do signo carta na cadeia constituída pelo Ministro – Dupin – Policia – Rainha

Neste deslocamento do signo carta na cadeia constituída pela Rainha - Ministro – Dupin – Polícia – Rainha, o poder dissipa-se para o primeiro personagem da cadeia e volta ao lugar original, ou seja, para a posição inicial da Rainha na cadeia. Mais uma vez, a partir do valor da carta, percebemos que a movimentação desta confere poder a quem dela se apropria, enquanto para os outros o poder se dissipa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viajar pelo mundo da lingüística saussuriana e da psicanálise lacaniana não foi tarefa fácil, devido o desconhecimento do campo arenoso que se desenhava à nossa frente, além dos cuidados ao ter de percorrer tais caminhos.

Aceito o desafio, o primeiro passo foi dado ao estudar a produção de sentidos em textos do gênero conto. Logo depois, veio a idéia de complementar o trabalho observando o sujeito e sua relação com os movimentos estudados no trabalho anterior, isto significava, estudar um sujeito efeito do movimento de signos e de significantes. Decidimos continuar com o conto de Allan Poe, “A carta roubada” e tentar mostrar esse sujeito do qual estamos falando durante todo o trabalho.

Como já dissemos, a partir da escolha do conto, observando os elementos do texto que seria analisado, veio a sugestão de trabalhar a metáfora do xadrez, de Saussure, relacionada aos elementos do conto, ou melhor, mostrar através do conto uma representação dos movimentos do signo no sistema da língua e a relação desses movimentos com o sujeito. Nossa análise seria uma complementação de parte da análise feita por Lacan, enfatizando o momento em que o psicanalista utiliza o conto para ilustrar os movimentos do significante e o efeito sujeito, isto é, sujeito efeito dos movimentos de significantes.

Sabemos que na teoria saussuriana não há um espaço para se falar abertamente sobre um sujeito, o sujeito não era o interesse dos estudos de Saussure, mas sim, a língua enquanto sistema de signos. O que não quer dizer, como podemos ver em Nóbrega (2008) e Normand (2009) que se exclua totalmente o sujeito da teoria saussuriana, ou que esses estudos não deixem espaço para um sujeito. Tanto não é verdade esta crença, pois, foi justamente nessa brecha que Lacan encontrou apoio para a sua teoria, o inconsciente estruturado como uma linguagem, e o sujeito desse inconsciente seria o tal “esquecido” pelo mesmo Saussure.

Alicerçados por Teixeira (2000) e Flores (1999), a implicação entre as duas áreas, lingüística e psicanálise, seria possível, então, pela via da estrutura e do sujeito. Escolhemos partir da lingüística, tomando o sistema como pontapé inicial e, a partir dele, estudar as suas unidades constituintes: o signo saussuriano, as relações do signo no sistema, isto é, as sintagmáticas e associativas, a perspectiva da sincronia e da diacronia

e o valor lingüístico. Tudo metaforicamente apresentado pela metáfora do xadrez criada por Saussure.

Partindo para a psicanálise, enfatizamos que o trabalho não se trata de analisar o sujeito do inconsciente, mas de mostrar, utilizando elementos do conto escolhido, mais uma vez, “A carta roubada”, um sujeito resultado do movimento de significantes. Assim, traçamos o nosso objetivo central que se resumia em apresentar a parte da análise feita por Lacan, mostrando o sujeito resultado do movimento de significante e, aliando a esse estudo uma nova análise partindo da lingüística saussuriana, cujo eixo central também seria exemplificar através do conto o movimento da carta e a sua relação com os personagens envolvidos na história.

Sendo assim, iniciamos nosso jogo primeiramente com Saussure, tentando mostrar a partir dos estudos do genebrino algumas considerações. Vimos que o signo saussuriano nos aponta duas possibilidades de movimento no sistema da língua, o das relações sintagmáticas e das relações associativas. Essas relações são estabelecidas pelo falante que seleciona e combina as palavras nos eixos paradigmático e sintagmático, respectivamente.

Por anteceder ao falante, a língua é quem determina as possibilidades de associação e seleção do indivíduo, pois enquanto sistema, a língua possui regras internas e que não podem ser modificadas por um único membro da sociedade. Para Saussure (2002) este é o único momento em que a metáfora do xadrez falha, pois o movimento da língua não é premeditado e o do xadrez é: no xadrez as peças se movimentam de acordo com a vontade do jogador, o que não acontece na língua com a utilização das palavras.

Vimos então que a língua é um contrato social e quem fala segue uma tradição, uma convenção social que determina e ultrapassa o indivíduo. Com isso, temos um sistema de valores determinado pela coletividade e que não existe fora dela.

O sujeito falante, membro desse social, mesmo não tendo uma atenção especial nos estudos saussurianos, passa a ser inserido nas lacunas deixadas pelo pai da lingüística, por exemplo, ao falar que a sincronia só conhece a perspectiva das pessoas que falam, ao estabelecer as relações sintagmáticas e associativas, percebemos que há um sujeito que usa a língua e é utilizado por ela. Com essa deixa, passamos a jogada para Lacan.

No âmbito da psicanálise, pensando nos objetivos da dissertação, abordamos, entre outras coisas, o movimento do significante lacaniano e sua relação com o sujeito,

tentando estabelecer uma relação entre significante e sujeito. Dissemos que a forma de movimentação do significante assemelha-se ao movimento do signo e, conseqüentemente, temos uma estrutura semelhante a da linguagem. Através dos estudos dos movimentos de metáfora e metonímia (movimentos de significantes), percebemos a supremacia do significante sobre o significado e como o significante exerce primazia sobre o sujeito. De acordo com psicanálise lacaniana, somos determinados por significantes, pois são as leis de significantes que estruturam o inconsciente, colaborando com a idéia de sujeito efeito de movimento de significante.

Sendo assim, na análise do conto, procuramos mostrar a mobilização dos personagens para encontrar a carta, movimento este ocasionado pelas substituições constantes da carta. Observando tal movimentação, o movimento próprio à carta, notamos que este movimento caracteriza os personagens, pois é o lugar da carta que determina cada posição-sujeito, é o jogo de substituições da carta que mantém o poder de um personagem, enquanto o outro o perde. Estas substituições remetem a movimentos de linguagem.

Ao consideramos, assim como Lacan o fez, a carta como significante e seu conteúdo como significado, fica exemplificado a supremacia do significante sobre o significado, pois mesmo sem saber o conteúdo da carta, todos os personagens se movem para consegui-la. Ainda aqui, temos a exemplificação de um sujeito determinado pelo significante, sujeito que se move à sua revelia, pois é induzido pelo movimento do significante.

Na contribuição da lingüística, dissemos que os movimentos traçados pela carta, tanto nos movimentos lineares ou nas associações (movimentos não-lineares), os elementos se relacionam direcionados pelo significante poder. As relações construídas dessa forma apontam que a perda ou o ganho do poder depende da carta, da sua posse ou perda. Sendo assim, os movimentos da carta se assemelham aos movimentos do signo, ao mesmo tempo que também remetem aos movimentos de significantes, a saber, metáfora (eixo associativo) e a metonímia (eixo sintagmático). Vimos, então, que a relação com a carta provoca em cada personagem um efeito distinto, desencadeado pelo poder, com isso a relação de cada personagem com a carta ocorre de maneira diferente, por isso os apresentamos em momentos separados. Ainda com a idéia de ganho ou perda de poder, estabelecemos valores para a carta em determinados momento do conto, valores relacionados também dependendo da posição de cada personagem.

Como no jogo de xadrez, os movimentos dos personagens são limitados, têm um espaço determinado e um objetivo maior a ser alcançado, poderíamos dizer, partindo do conto, como no jogo de xadrez, proteger o rei de um mal maior. O Rei que nada vê, que não sabe da existência da carta e fica assujeitado àquela situação, às vontades da Rainha.

A genialidade de Poe associada ao brilhantismo de Lacan e à nossa despretensiosa colaboração na construção dessa nova apresentação do conto “A carta roubada”, permitiu-nos apresentar uma ilustração das estreitas relações entre sujeito e linguagem, pois vimos um sujeito que pensa dominar o que não consegue, movido à mercê da linguagem, constituído nela e por ela.

Acreditamos que foi uma feliz escolha termos com parceiros os enigmáticos (nem todos) personagens de Poe e construir um trabalho pensando na história fantástica contada com um estilo peculiar a esse autor. Sem a Rainha, o Ministro, o chefe de polícia, o Rei e Dupin, não poderíamos propor esta partida de xadrez entre Saussure e sua lingüística, Lacan e sua psicanálise.

Acreditamos que foi uma partida justa, os movimentos foram executados com maestria tanto por Saussure quanto por Lacan. Quanto a nós, apesar de esboçar alguns movimentos, ainda temos muito que aprender e dizer sobre os próximos lances, sobre o jogo fascinante que envolve sujeito e linguagem.

REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, Michel. *Linguagem e Psicanálise, lingüística e inconsciente*: Freud, Saussure, Pichon, Lacan. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____, Michel. *Lingüística e Psicanálise*. Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros. Tradução Mário Laranjeira e Alain Mouzart. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. Trad. Bras. Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. 4ª Ed. São Paulo: Cultrix. 2004.

DOR, Joel, *Introdução à leitura de Lacan – o inconsciente estruturado como linguagem*. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

_____, Joel. *Introdução à leitura de Lacan – estrutura do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

DOSSE, François. *História do estruturalismo*. Trad. Bras. Álvaro Cabral; revisão técnica de Márcia Mansor D'Alessio. Bauru, SP: Edusc. 2007.

ELIA, Luciano. *O conceito de sujeito*. Psicanálise passo a passo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FEHR, Johannes. *Saussure entre linguistique et sémiologie*. Paris: PUF, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986.

FINK, Bruce. *O sujeito Lacaniano entre a linguagem e o gozo*. Tradução de Maria de Lourdes Sette Câmara. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FLORES, Valdir. **Lingüística e psicanálise**: princípios de uma semântica da enunciação. Porto Alegre: EDIPUC, 1999.

FREUD, S., Vol. XI *A Significação antitética das palavras primitivas* (1910) ESB, Imago Ed.

ILARI, Rodolfo. *O Estruturalismo Lingüístico: alguns caminhos*. In MUSSALIN e BENTES. *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. Livro 3. São Paulo: Cortez, 2007.

JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995.

LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1985.

_____, Jacques. *O Seminário: livro 3: as psicoses*. Tradução Aluísio Mendes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____, Jacques. *O Seminário: Livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. **Escritos**. 4ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

_____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003

LEMAIRE, Anika. *Jacques Lacan uma introdução*. Tradução Durval Checchinato. 4.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

LOPES, Edward. *A identidade e a diferença*. São Paulo: Edusp, 1997

NÓBREGA, Mônica. *O mesmo e o outro: a constituição dos sentidos na articulação entre lingüística e psicanálise*. 2002. Tese (tese de doutorado inédita), PUC – RS. Porto Alegre. 2002.

_____, Mônica. *Sujeito e sistema em Saussure: uma relação possível?* Revista Revel – Edição Especial n.2, 2008.

_____, Mônica. *Lacan e a lingüística saussuriana: um tiro que errou o alvo, mas acertou na mosca?*. In: SCHÄFFER, FLORES e BARBISAN (Orgs.). *Aventuras do sentido: psicanálise e lingüística*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

NORMAND, Claudine. *Saussure* – Coleção Figuras do saber. Tradução Ana de Alencar e Marcelo Diniz – São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

POE, Edgar Allan. *Histórias Extraordinárias*. Tradução: Brenno Silveira. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. Trad. Bras. Antônio Chelini et al. 25a Ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____. *Escritos de lingüística geral*. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução para o português de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.